

# O LIBERAL PERNAMBUCANO

JORNAL POLITICO E SOCIAL.

O Liberal Pernambucano publica-se diariamente, e subscreve-se na typographia da rua do Collegio N. 14 a 3000 por tres meses pagos adiantados: os annuncios para os Srs. assinantes são pagos a 20 réis por linha; correspondencias e outra qualquer publicação pagar-se-ha o que se convencionar: os interessados se deverão entender com o Editor na mesma typographia. A Redacção é distinta da Administração.

Anno V.

Quarta feira 16 de Janeiro de 1856.

Numero 980.

## VARIÉDADE.

*Cartas de um habitante da terra, escriptas do Recife á um habitante do Planeta Mercurio.*

I.

*Meu bom amigo*, em bôas me metteu vossê; quer nada menos que todas as semanas lhe envie lá para o seu Planeta uma noticia exacta do que por cá ocorre, por esse miserável canto do planeta que o destino me deu por habitação. E' isso uma tarefa ao mesmo tempo pesada e dolorosa; pesada, porque pauperrimo de termos e de tempo, e não tendo o dom do diabo coxo, para tudo ver e ouvir, encontro dificuldades imensas em pol-o ao corrente dos factos que aqui vão acontecendo; dolorosíssima, porque tudo quanto por aqui se passa é uma miseria dignamente do desrespeito e da compaixão. Talvez que os habitantes desse planeta que descontinuamos no espaço como um ponto luminoso fação de nós um juizo favorável e nos supponham que honramos melhor a criação; estão enganados, as nossas ações de nós habitantes deste planeta tem sido tão indignas que já, conforme nos atestão as letras santas, houve tempo em que Deus se arrependeu de o ter criado. O diluvio, a guerra, a peste, a fome, a morte são outros tantos castigos com que Deus de vez em quando nos convida á trilharmos o bom caminho; mas qual! E' trabalho perdido; o homem é o filho legítimo do peccado, e o orgulho dominando todas as suas ações, lhe faz esquecer agora o castigo que á pouco lhe fôra fulminado, e elle vae sempre trilhando o mao caminho.

Nada lhe direi sobre o que acontece nos outros pontos do globo, porque nem de tudo sei, nem é crível que vossê tenha deixado de estabelecer correspondencias por todas as partes, attenta a curiosidade que mostra em saber do que se passa pela superficie deste globo terraqueo.

Não sei, se por lá, meu amigo, os habitantes desse Planeta se considerão irmãos e filhodo mesmo Deus; por cá a causa é muito diversa, uns se considerão os abençoados e a outros os amaldiçoados; e dahi nasce uma causa a que se chama — aristocracia —, que significa a principal parte da humanidade.

Essa aristocracia, meu amigo, não se alimenta dos mesmos dotes em toda a parte e pela sua correspondencia das outras partes do globo verá que ella tem diversas bases nos lugares onde é encontrada. Cumple que eu lhe dê uma idéa do que é em Pernambuco o que se chama aqui aristocracia.

Deve saber que, tendo Deus feito a terra para que todos tirassem della a custa de seu trabalho a sua subsistencia, alguns homens

se apossarão della, crearão o que se chama leis de sucessões e a posse dessa terra se foi transmittindo de pae a filho, e conservando-se na mesma familia. Resulta d'ahi, que no fim de certos annos se achará a terra possuída por poucos e a geração dessa actualidade depredada em sua maior parte. Bem se comprehende o absurdo de similhante instituição, mas ella existe, é mantida pela força e sempre que as gerações depredadas aceitem a posição que lhes foi destinada na serie dos tempos.

Pelo que respeita a essa parte do planeta — terra —, que se chama Brasil, deve vossê saber, que, embora imenso e com proporções para nelle habitarem grandes nações, o seu territorio fôra arbitrariamente dividido pelos Reis de Portugal que, chamando-se o domínio da terra, a repartiu pelos seus afilhados, dando leguas e leguas de terras á homens que lhe havião prestado tais ou quais serviços. Esse facto arbitrario creou entre nós a propriedade, e a geração actual, no espaço de trezentos annos se acha quasi toda depredada.

Quando se viaja por este immenso territorio, o coração gème comprimido, porque no meio de vastos terrenos incultos, jaz aqui ou ali uma chôpana que é habitada pela pobreza e pela miseria.

Os proprietarios territoriais são mais ou menos pesados ao resto da população, conforme a sua moralidade, a sua ignorância, a sua estupidez. Pondere o meu amigo qual será a sorte do nosso povo, em um paiz onde o territorio se acha por tal modo dividido, q' uma parte da grande cultura proclama alto e bom som, que os braços escravos são a condição sine qua non do seu progresso e mesmo de sua existencia.

O povo, espacado pelo proprietario territorial, busca azylo no commercio que, como sabe consiste na troca de productos de um paiz pelos productos de outro, mas ainda ahi existe um obstáculo invencível e é, que esse commercio é possuído pelos estrangeiros que outr'ora dominarão estas paragens. Só lhe restaria um azylo, era a industria; mas esta suppõe o desenvolvimento de certas facultades, e sobre tudo a dignidade do trabalho; condições que não existem neste apontado canto da terra.

Eis, meu amigo, o que é entre os mais paises o nosso Brasil, e como uma exageração desse erro o nosso Pernambuco.

Saiba mais que o Brasil é habitado por diversas raças, o que dá lugar á questões de preferencias de sangue e de outras tantas aristocracias; de modo que, se ha uma terra onde o principio da fraternidade seja posto em dúvida e contrariado, é por certo o Brasil. Ha talvez entre os seus habitantes mais

animais do que a que existe entre o lobo e o cordeiro.

Saiba agora que em Pernambuco existem duas familias que se dizem patricias e as mais aristocraticas, as quais são conhecidas pelos nomes de *Calvanticis* e *Rego-Barros*. Essas duas familias querem governar exclusivamente a nossa terrinha, e dahi reacções constantes.

Perguntaré o meu amigo; mas então essas familias devem possuir dotes muito estimáveis? Engano, meu amigo, engano manifesto. Nem dotes do corpo e nem dotes da alma. Pensa vossê que essa aristocracia se assemelha em alguma cousa a aristocracia dos outros paizes? Está illudido. Querem governar porque querem, e nada mais.

Os *Rego-Barros* se dizem de sangue puro e contestão nesta parte a preeminencia dos *Calvanticis*. Os *Calvanticis* se dizem mais antigos e descendentes de velhos fidalgos. Uns e outros, são em regra pobres de corpo e pauperrimos de espirito.

Se vossê os visse e os estudasse em cada um de seus membros teria dô deles, senão nojo. Feios, grosseiros, não sabem andar, não sabem fallar, não sabem escrever, não sabem pensar; mas orgulhosos que fazem raiva. Eis meu amigo as familias patricias de Pernambuco. Se um Moliere se mettesse a fazer uma comedia que os representasse, haveria rasão para mais de uma gargalhada.

Comparando-se um desses *aristocratas* com um lord inglez, com um fidalgo francez, ou austriaco, ou italiano, ou de outra qualquer nação, duvidamos que se possa conter o riso.

Essa miserrima aristocracia de corpo estropiado e de espirito boçal, com todos os seus instintos selvagens, é adversa á tudo quanto constitue a verdadeira aristocracia, e tão insuportável quanto são sedentas as suas pretencões.

Apparecerão por aqui tres aventureiros; chamão-se elles Nabuco, Figueira e José Bento, que assentáron de fazer dos pobres aristocratas seus instrumentos de elevação, e eis a enchel-los de vento e a persuadir-lhes que erão cousas grandes. Os papalvos acreditáron e os tem levado em charola aos altos empregos da sociedade. E' isso por tal modo que chegou Nabuco á ser ministro, Figueira á ser chefe de polícia da nossa corte, e José Bento á ser presidente de Pernambuco.

Já vê o meu amigo o que se deve esperar de uma sociedade que é governada por semelhante gente. E' um gosto; faz chorar e rir ao mesmo tempo.

Entretanto os pobres aristocratas e seus guias não se tem podido aguentar, estão hoje no maior descredito, a sociedade pernambucana está por tal modo desconjuntada, que a celeberrima aristocracia está morre

dias a contemplar as ondas e seguir com os olhos até o fundo do horizonte longíquo os navios que frisavão as vagas com um vôo rápido, como aves aquáticas de azas brancas.

Durante as noites estrelladas, entregava-se ajudado por seu velho intendente a trabalhos astronomicos, ou antes astrologicos, segundo a opinião geral. Corria fama com efeito que elle se ingeria em sciencias occultas e de magia negra; e que o mão exito de uma operação, que tinha causado o maior danno a uma familia de principes, o havia forçado a abandonar a Courlandia.

Por pouco que se lhe despertasse a lembrança de sua morada naquella região, o barão parecia apossado de horror; mas o atribuia unicamente as desgraças que havião perturbado sua vida pela falta commettida por seus predecessores, abandonando a morada patrimonial. Afim de ahí fixar para o futuro o chefe de sua casa, a erigio em morgado: e o senhor feudal do paiz deu tanto mais voluntariamente seu assentimento a essa medida, quanto ella fixava no solo natal uma familia rica de virtudes cavalleirescas, da qual alguns ramos ja se achavão enraizados no territorio estrangeiro.

Nem Hubert, filho de Roderich, nem o titular do morgado na época desta historia, chamado Roderich como seu avô, habitarião

não morre. Deos permitta que antes de morrer, não dê algum arranco dos do costume, assim uma bacamartada. Bem vê o meu amigo que um bacamarte atraç de um pão é arma que assenta bem á taes aristocratas d'goa doce.

O Figueira de Mello, foi o primeiro que sahio da dança; mas ainda restão o Nabuco e o José Bento. O Nabuco que quer passar por capacidade, tem feito cousas que espartão. O homem tinha lá uma sciencia de retalhos, sem o nexo da philosophia; collocado no poder e querendo desenvolver os seus conhecimentos legislativos tem sido o ludibriu dos homens illustros que o apontão como uma nullidade scientifica. Creio que não poderá aguentar-se, porque com a sua inopia governativa e legislativa, sem sistema e sem methodo, tem arruinado o velho edifício; e todos vêem a necessidade de um novo architecto que reedifique e reconstrua.

O José Bento! Oh! O José Bento tem dado pancas; é, meu amigo, uma cabeça de camarão torrado no fumeiro; só se lhe conhece fel no ligado e em vez de miolos na cabeça, cousa que faz nojo. Pobre homem! Corre o perigo de enloquecer; porque sendo um dos solapadores da sociedade Pernambucana, vê o seu belo edifício cahir-lhes sobre a cabeça, esmagal-o e não pôde evitar o perigo. Os *Regos Barros* mesmos estão no ultimo dente com elle, e elle breve dá com a *Calvanticada* em vasa-barris. Que esteio proceuráro os taes aristocratas! Talvez pense Vossê que esse José Bento é alguma cousa que se pareça com um aristocrata; engano, meu amigo, engano manifesto. E para fazer idéa do que seja esse esteio da aristocracia pernambucana, ouça o que lhe von dizer.

A nossa aristocracia miserrima, não podendo invocar em seu favor os dotes do corpo e do espirito, pega-se á uma cousa chamada nascimento, o qual vae dar em linha recta em algum capitão mór, ou outra entidade das antigas ordenanças.

Pois bem o nosso José Bento, por esse lado, é uma desgraça; ninguém sabe quem é o pae, nem que é a mae. Surdió aqui entre os criados do fadado bispo D. Thomaz, com a protecção deste quiz ordenar-se, depois mudou do resolução e estudou direito. Ninguem sabe ao menos se é filho legitimo ou natural, é um aventureiro na força do termo. Mas, querendo figurar de aristocrata, mandou escrever ahí n'uma folha que era filho d' um capitão de ordenanças; pedirão-lhe a paciente e o homem ficou de queixo cahido, sem saber onde arranjassem um papelucho. Ainda isso poderia servir aos *Calvanticis*, mas aos *Regos Barros* que tem o orgulho do sangue celtico puro, é cousa inconcebivel; porque o tal José Bento é sem tirar nem pôr uma figu-

a morada de seus antepassados; ambos ficarão na Courlandia; e deve-se presumir que mais alegres, e amigas da alegria que seu melancolico avô temião a triste solidão desta residencia.

O segundo barão Roderich havia recolhido em sua casa duas irmãs de seu pae, que se achavão em um estado proximo da indigencia. Ellas moravão com uma velha criada n'um pequeno quarto bem fechado de um dos lados do castello; no pavimento terreo o cozinheiro occupava um grande local proximo da cozinha. A parte principal da casa não tinha outro habitante senão um velho caçador decrepito que preenchia ao mesmo tempo as funcções de guarda-portão; o resto dos criados habitavão na aldeia em casa do administrador das terras.

Pelo fim do outono, quando as primeiras neves começavão a cahir, e era o tempo da caça dos lobos e javalís, a habitação abandona e deserta tornava-se viva e animada. O barão de Roderich chegava da Courlandia com sua mulher, acompanhado de parentes, amigos e de uma numerosa comitiva de caçadores. A nobreza dos arredores, e os habitantes da cidade vizinha, que amavão a caça vinham estabelecer-se no castello.

(Continuar-se-ha.)

## FOLHETIM.

HOFFMANN.

CONTOS NOCTURNOS.

O MORGADO.

I.

Nas margens do Baltico eleva-se o castello da familia dos barões de Reusch, chamado Reusitten, cujos arredores são selvagens e desertos, e apenas algumas plantas espalhadas penetrão aqui e ali as solitarias rochas escarpadas; não se vê jardim algum, ornamento ordinario de uma semelhante residencia, porém um bosque de pinheiros de aspecto lugubre, encostado a uma muralha nua e arruinada; não se ouve o gorgorio dos passaros q' cantão ao amanhecer a vinda da luz, mas os gritos sinistros dos corvos, e a voz penetrante das gaivotas que anunciao a tempestade.

A um quarto de hora de caminho deste lugar a natureza parece transformada. Como se por uma pancada de varinha magica ficasse transportado em prados floridos e no meio

de uma campina pitoresca. Ahi se descobre uma rica e consideravel aldeia onde se acha a espaçosa casa do administrador das terras. Na extremidade de um lindo bosque estão situados os alicerces de um vasto castello cuja construção um dos antigos proprietarios havia começado; seus sucessores tendo ido habilitar seu patrimonio de Courlandia, renunciaram a esse projecto, e o barão Roderich de Reusch que viera se estabelecer n'essa morada de seus antepassados, nenhum adiantamento havia dado á construção. Seu caracter sombrio e misanthropico se accommodava melhor com a velha residencia de seus pais, do que em um novo edifício.

O barão ocupou-se em mandar reparar o antigo castello que cahia em ruinas, encerrou-se nello com um mordomo inepto, e uma comitiva pouco numerosa de criados: viñano rara vez na aldeia, mas elle por vezes vagava a pé ou a cavallo sobre a borda do mar, e alguém assegurava te-lo observado de longe attento ao ruido das ondas que se quebravão fervendo contra os rochedos, como se esvasse a voz do espirito dos mares.

Sobre o antigo terraço da torre de vigia Roderich mandára construir um gabinete, que elle tinha abundantemente provido de telescopios e de uma collecção completa de instrumentos astronomicos. Ahi passava os

ra de bronze, de beijo roxo, de cara achata-dada, que não se pôde bem saber á que raça pertence, á menos que não seja á dos orangotangos.

Ora, já d'aini vê o meu amigo que a aristocracia pernambucana não podia encontrar causa que melhor a representasse. Se um novo Cervantes quizesse ridicularizar esta nova aristocracia, como o antigo fez com a cavalleria andante, em vez de procurar como heroe um D. Quixote, devia procurar um orangotango, filho lá dos sertões da África e tão asqueroso como todos os individuos dessa especie.

Isso pelo lado do corpo e da origem. Pela moralidade e pela intelligencia, cresce a repugnancia.

Contão-se cousas dessa joia, meu amigo, que espantão. Foi aqui advogado e fez panças; dizem que, em um negocio da thesouraria provincial que aqui fez estrondo, fez um contracto *quota litis* com os portadores das letras, comeu os cobres, abandonou a questão e até quiz sacrificar a dignidade da assembléa provincial. São cousas, meu amigo, que se contão em cada canto. E além desta, atribuem-lhe muitas outras branquinhais, tenho ouvido contar historias de venda de causas que mettem medo. Que bicho é o tal Sr. José Bento! Que digno representante da aristocracia pernambucana!

Ora, se um camarada destes se apanhou na presidencia e de Pernambuco, e se é verdade o que dizem deles, calcule o que o homem não terá feito. Dizem por ahi que é um rato; e que não tem poupado repartição publica. Até consta que ultimamente no arsenal de guerra o homem fez cousas vergonhosas. Dizem que a cesta do arsenal tem mobilia, tem oratorio, tem lanternas, tem bolieiros, tem muita cousa. Tollo seria elle, se não aproveitasse a quadra. E' verdade que disso não tenho documento, mas a voz publica diz isto, e é um antigo proverbio que — *vox populi, vox Dei*.

As obras publicas! oh! meu amigo! Contão-se cousas de arripiar as carnes.

Mas passemos á intelligencia do tal José Bento. E' uma taboa raza no tocante á ignorância, e uma cabeça de marmore; em compensação tem astucia de raposa, qualidade que os naturalistas concedem ao orangotango. E se abre o bico, oh! meu amigo, é um negro boçal a falar; não vi cousa mais enjoativa.

Em uma sociedade escoihida, não dansa, não toca, e a conversa é uma algaravia de todos os diabos. Num tribunal a falar, é uma porção de rãas a barulharem num charco. Num corporação scientifica, num assembléa a orar, é o diabo em pessoa.

No phisico e no moral não pôde haver cousa melhor talhada para exprimir a degradação da tal aristocracia. Estou vendo a hora que toda essa casa velha e arruinada cahê em cima desse novo Sansão e o esmaga completamente.

O povo o despreza, e os aristocratas já o baptisão pelo — *primo bastardo*. Bem pre-gado lhe seja; quem mandou a essa pobre gralha metter-se no rancho dos pavões?

Mas, meu amigo, estou cansado de escravar-lhe. Basta por hoje, e espere pela dôse quarta-feira seguinte. Dir-lhe-hei muita cousa ainda do presente e do passado.

Seu amigo.

O habitante da terra.

## LITERATURA.

### UMA ACADEMIA DE ROMANCISTAS NA ALÉMANHA.

*Sammlung auserlesener Original—romane, herausgegeben von Otto Müller. — I Afraja, von Théodore Mugge. — II Charlotte Ackermann, Otto Müller. — III Der Dunkelgraf, von Ludwig Bechstein. — IV Der Sonnenwirth, von Hermann Kurz. — V Die Freimaurer, von Gustav Kuhne. — VI Die Familie Ammer, von Ernst Willkomm; 6 vol. Franfort 1854—1855.*

(Continuação do n.º antecedente.)

Citei muitas vezes o nome de Jeremias Gotthelf por occasião do romance de M. Hermann Kurz: é o melhor modo de caracterizar essa bella obra e de lhe marcar o seu lugar. O digno pastor de Lutzelvluh, o grande romancista popular que a Suissa perdeu o anno passado, teria gostado singulamente dessa historia do Sonnenwirth; elle houvera nella reconhecido o vestigio de sua inspiração: — o mesmo vigor do toque, a mesma imparcialidade rustica, a mesma fé na efica-

cia da moral christãa. Se Jeremias Gotthelf, em suas vigorosas pinturas, atacava principalmente a propaganda revolucionaria que devastava os cantões suíssos, não menos condemnava energicamente (provárao-no muitas de suas narrações) as iniquidades do antigo régimen. Obrigado á combater o inimigo de hoje, sua paixão de publicista não lhe fazia olvidar o inimigo de hontem. O Sonnenwirth, portanto, completa perfeitamente *Uli le Valet de ferme e Jacob le Compagnon*. Trazer á memoria das populações rusticis os benefícios da França de 89, é pôr-lhes mais vivamente debaixo dos olhos o que a demagogia lhes fazia perder. Possa pois a narração de M. Hermann Kurz tornar-se tão popular entre os camponios da Alemanha, como os romances de Jeremias Gottelf entre os montanezes do Oberland!

E' ainda ao seculo XVIII que nos condnz o romance de M. Gustavo Kuhne; não busquemos porém nesse a clarezá, a precisão, o firme senso historico que temos assignado no autor do Sonnenwirth. Entretanto o assumpto escolhido pelo romancista exigia todas essas qualidades reunidas; M. Kuhne propôz-se a introduzir-nos no seio das sociedades misteriosas que se agitavão na Europa na segunda metade do seculo de Voltaire; elle dâ á seu livre o título — os *Pedreiros-Livres*. Nada mais curioso do que esse movimento occulto; de todos os symptomas que atestavão a surda inquietação dos espíritos e a esperança de uma proxima catastrophe, nenhum existe mais estranho e mais conhecido do que esse. Um escriptor que sondasse descobrir alguns vestígios desse trabalho das imaginações prestaria um precioso serviço á historia das idéas; mas com que finura, com que sagacidade fôra de mister tocar nessas delicadas matérias! Quanto fôra preciso descontar das conjuncturas e acautelar-se de falsose a historia querendo esclarecer-a! M. Kuhne não pesou bem as dificuldades de sua tarefa. Iniciado por seus anteriores estudos em muitos segredos do XVIII seculo, elle se arrogou o direito de advinhar o que não sabia. As conjecturas do romance são permitidas quando elles estão de acordo com o espirito de uma época; o autor dos *Pedreiros-Livres* inventou com hardidez inconveniente situações e factos absolutamente contrários á historia.

O título do romance de M. Kuhne anuncia-nos que esse quadro de pedreiros livres no XVIII.º seculo é tirado dos archivos secretos de uma familia: *Freimaurer, eine Familiengeschichte aus dem vorigen Jahrhundert*. Que familia é essa? Uma nobre familia italiana unida por uma serie de acontecimentos romanescos a uma casa de principes da Alemanha protestante. O enredo da fábula é de uma extravagancia singular. Segui-me attentamente, por favor, e não percaes de vista esse imbruglio, que tive muito trabalho em desembrulhar. Um principe soberano, o chefe de um desses pequenos estados que desaparecerão na reorganização da Alemanha por Napoleão, sua alteza imperial o conde Justus-Erich de Hohen... Schwärzenfels, despousou em sua mocidade uma princesa italiana de quem estava loucamente enamorado. O principe Justus-Erich era um protestante dedicado; a corte de Roma, ajudada pelos negociadores da companhia de Jesus, tentou em balde explorar-lhe a paixão para fazê-lo mudar de crença. Tudo quanto se pôde alcançar, é que a religião católica não seria mais proscripta do seu principado. Entretanto se queria mais do que essa simples tolerância; o contracto foi atrevidamente falsificado pelo padre Euzebio, provincial dos jesuitas, e no dia em que o jovem principe supunha assignar uma convenção concedendo á seus estados a liberdade dos cultos, elle assignava um titulo que podia fazer passar os seus direitos de principe da liuba protestante para a linha católica. E' verdade que um principe, por moço que seja, não assigna tales contractos sem primeiro examina-los; por mais que diga o autor que tiverão cuidado de perturbá-lo, de embriaga-lo, e não sei de que mais, essa scena de melodrama não é capaz de convencer-nos. E' também verdade que, uma vez assignado o titulo e posto nas mãos dos Jesuitas, podia o principe protestar á face do mundo e desmascarar a iniquidade cometida; mas não estamos nós nas regiões da fantasia? Paciencia, estamôs apenas no princípio.

O principe Justus-Erich está casado á vinte annos; tem uma filha bella, piedosa, herdeira dos sentimentos católicos de sua mãe, mas sofradora e coimprida nessa corte onde domina o odio á Roma. Não sofre somente a sua alma; Justina está doente, os

abalos que lhe agitão a saude desafiam todos os remedios. Um jovem gentilhomem chega junto ao principe: é um Piemontez, o conde Giuseppe della Torre, espirito d'escolha, alma mystica e aventurosa, com muitas graças seductor as. Elle se occupa de magnetismo, e com o auxilio dessa potencia mysteriosa, pretende curar a princesa. Ora Justina ouviu-lhe fallar de religião, ouviu-lhe exprimir idéas originaes e atrevidas acerca das relações das duas igrejas que dividem entre si as raças germanica e romana. « A igreja de Lutero, dizia o jovem conde, não tem se não uma missão puramente transitoria; é mister um novo catholicismo, o catholicismo verdadeiro, e é a reforma, já por si insuficiente, é a reforma quem tornou possível esse catholicismo do futuro. » Apesar do que tem de vago e de indefinido, essas doutrinas forão para Justina uma especie de alivio; ella escutou como a um consolador aquelle que por tal guisa ousava fallar n'uma corte onde reina uma theologia toda contraria, a theologia de um protestantismo estreito, feroz e para sempre immobilizado; sim, ella o escutou com inefável entevo, ficou-lhe suspensa dos labios, por tal modo que depois de um serão em que o conde della Torre a adorouceu pela influencia magnetica, a bella magnetizada ergueu-se, sahê de uma camara, atravessou os vestibulos, chega á casa do gentilhomem, precipita-se em seus braços, e envolve-o com suas caricias. Apenas o conde della Torre tornou á si de sua surpresa, que o pai de Justina se apresenta á porta da camara. Grande escândalo, como pensaes, colera do principe, casamento obrigado do conde della Torre e da princesa Justina. O que era entretanto esse conde della Torre?

Um padre catholic, um membro da sociedade de Jesus que nada deseja mais do que atirar fôra o habito, e que conserva todavia de seu antigo estado decidido gosto pelas associações misteriosas. E' sempre jesuita, embora muito emancipado; é alén disto padreiro livre e tem relações com o conde de Saint-Germain. Não esqueçamos um ponto importante: antes de ser admittido ás ordens, o conde della Torre desposou uma Vaudouise, chamada Mormona, que elle supoz converter ao catholicismo e que, morrendo pouco tempo depois, foi beatificada pelo santo padre, o papa Benedicto XIV, mesmo no momento em que os jesuitas mandavão raptar, não se sabe porque, o filho da santa e do conde. O jesuita da Torre estava á procura de seu filho, quando a aventura de que falei o obrigou a desposar a princesa Justina; desse matrimonio nasceu um filho e o pobre principe Justus-Erich que cahê de Carybdes em Sylla. Sabeis que boas razões tem elle para aborrecer os membros da celebre companhia, e seu genro é um desses homens malditos! e seu neto, filho do jesuita, será o herdeiro da sua coroa! E' a historia mui contusa dessa familia, historia do conde della Torre, historia de seus dous filhos e de suas relações com o principe Justus-Erich, que constitue o assumpto do romance de M. Kuhne.

(Continuar-se-ha.)

## CORRESPONDÊNCIAS.

Villa de Taearatú 20 de novembro de 1855.

Srs. Redactores.

Lá vão minhas tocas linhas sempre mal alinhavadas, de modo que pouco hão de agradar aos amantes da leitura do *Liberal*; mas apesar disso, sou poutual para com o meu compromisso, e a declarar somente a verdade pura, embora as minhas missivas tenham marchado irregularmente pela falta de correio d'este termo para essa cidade.

Tenho perdido algumas occasões de portadores menos seguros; e o desaparecimento de quatro missivas, tem dado lugar á que eu me apoderasse de sérios receios; não é que eu tenha medo de que me atirem em rosto o ferrete da mentira; somente não quero ser conhecido, para poder rir-me á custa dos toleirões sofis, que querem fazer persuadir ao publico, que são elles, que fazem aquillo de que nunca se lembrão. Quer Vmc. saber o quo disse um delles? Apparecendo no *Liberal* uma de minhas missivas, em que tractava do professor Miguel Archangelo Pimentel, dizia o pobre moço, — toma lá bode do dizimo, conhece o terreno; tu cuidavas, que aqui tudo era mudo? — e ficou tão ufano, que parecia ter tirado a sorte grande dos vinte contos, e não sabia que em sua frente estava, quem o estivesse desfrutando: é este o motivo porque não quero ser

conhecido, [disprezo algumas occasões, e só procuro via segura.

Oh desviei-me completamente da senda que devia trilhar, mas, voltando á materia, passarei a noticiar-lhe alguma cousa de mais importancia; e isso que vou dizer, não se persuada que é inexacto: não; é uma verdade pura, e para dizer a verdade, não preciso embucar-me na capa do anonimo.

Principiarei pelos trabalhos do jury, que teve lugar a 15 de outubro sob a presidencia do Sr. Dr. Rodrigo Castor de Albuquerque Maranhão, durarão as sessões do jury deses dias successivos, tendo-se recolhido um grande numero de criminosos, e outros que forão capturados chegou o seu numero total a quarenta e seis, d'estes entrarão em julgamento trinta e sete; sendo o numero de processos, trinta e tres; á saber, oito de homicídio, dez de tentativa, sete de ferimentos leves, cinco de uso de armas proibidas, dous de fuga de presos e um de ameaças; deixarão de entrar em julgamento nove por se encerrarem os trabalhos; entre os que forão julgados, sahirão dous condenados, um com desseccis annos e quatro mezes e outro a sete ditos; os quaes appollarão da; decisões do jury, sahirão mais sete appellados, cinco pelo Sr. juiz de direito; e dous pelo promotor; os mais todos erão inocentes, e entre os appellados, é um o réo João Pereira de Souza Barros, que roubou a existencia de seu irmão legítimo, Adriano de Souza Barros, por andar aquele entretendo relações criminosas com a mulher do morto; e achando-se o crime suficientemente provado pelo depoimento das testemunhas, corpo de delicto, e interrogatorio do réo foi elle absolvido.

E' mister que os juizes de facto tenham tanta comiseragão, porque se procedesse d'outro modo, por certo este termo muito devia sofrer, não pelos crimes do povo, e sim porque de algum tempo a esta parte, temos tido um numero de empregados, que para a formação da culpa aproveitão as calunias e as mentiras, as intrigas, e isto reunido ao odio, ao rancor do empregado, forma-se o processo com justica, e sem ella; principalmte ntc, dous subdelegados, que tem regido a freguezia de Floresta, Manoel Pires de Carvalho Belfort, e Antonio Gonçalves Torres e Silva hoje subdelegado actual; se o governo soubesse quem são estes monstros, nunca lhes daria emprego algum.

Outro tanto não digo a respeito do Sr. Dr. Marcos Correia da Camara Tamarindo, que praça ao Céo, que sempre tivessemos aqui um magistrado tão honrado; lembrado estará Vmc. que em fevereiro deste corrente anno, foi pelo *Diario de Pernambuco*, por intermedio do seu correspondente que aqui tem publicado o grande numero de criminosos que em janeiro achavão-se na cadeia desta villa, e que entrerão em julgamentos, e agora me é forçoso dizer que entre as dous sessões do anno, apparecerão noventa e tantos criminosos; veja por tanto se é ou não, exacto o que lhe digo a respeito dos empregados? não sei quando desaparecerão tantos absurdos.

Basta de jury, que já estou aborrecido; e irei tratar do mais, continua este termo em paz, e só continua uma grande seca, de sorte que os gados se achão em triste estado, e os fazendeiros bem poucos lisongeiros; os viveres em alto preço, a salubridade não vai bem, pois tem morrido algumas pessoas, e estão outros para isso, e dizem ser as febres. Adeus até logo, o

Tacarutense.

## TRANSCRIÇÃO.

### THE MERRY CHRISTMAS.

Ou o Natal em Inglaterra.

Eis chegado para os ingleses o dia de regozijo, the merry Christmas! A essa exclamação de Natal esquece a Inglaterra suas docas, seus empórios, seus armazens, seus navios, seu parlamento; dá tregoa aos seus maiores cuidados: a politica e o commercio deixa navegar ao acaso por um dia a bolsa domestica e a não do Estado nas ondas de cerveja no meio de cachopos de puddings. Nada de calculos, nada de discursos graves; venham porém o ale, o gin, o whisky, lagos de punch chamejante, e sobretudo pasteis de pão!.. Deu a hora do Natal, trazendo consigo os festins antigos, os regozijos tradicionaes e restituindo á moderna Grâa-Bretanha a face rubicunda e jovial da velha Inglaterra,

A França, apesar de ser vizinha da Inglaterra, nem tem idéa do que é este festivo Christmas. Tocou-a o scepticismo com o seu

# O LIBERAL PERNAMBUCANO.

JORNAL POLITICO E SOCIAL.

O Liberal Pernambucano publica-se diariamente, e subscreve-se na typographia da rua do Collegio N. 14 a 3000 por tres meses pagos adiantados; os annuncios para os Srs. assignantes são pagos a 20 réis por linha; correspondencias e outra qualquer publicação pagar-se-ha o que se convençor: os interessados se deverão entender com o Editor na mesma typographia. A Redacção é distinta da Administração.

Anno V.

Quarta feira 23 de Janeiro de 1856.

Número 986.

## O LIBERAL PERNAMBUCANO.

RECIFE, 22 DE JANERO.

Chegou hoje do Rio de Janeiro o vapor *Avon* trazendo-nos datas da corte que alcanção a 14 do corrente.

Nada ocorreu de notável nos quatro dias que adianta.

Por decreto de 10 da corrente:

Foi reconduzido o conselheiro Antonio Ignacio de Azevedo no lugar de presidente da relação de Pernambuco.

Por decreto de 11 deste mês teve mercê da serventia vitalícia do ofício de escrivão do juizo especial do commercio de Pernambuco, Francisco Ignacio de Torres Bandeira.

### VARIÉDADE.

*Cartas de um habitante da terra, escriptas do Recife, a um habitante do planeta Mercurio.*

II.

Meu caro amigo, o prometido é devido; fazem oito dias que enviei-lhe a primeira noticia do que se passa por este cantinho da terra; e para que vossê não comece por mim a julgar mal de nossa pontualidade, vou dar cumprimento á minha promessa; cada vez mais me convenço de que me falta a necessaria aptidão para o bom desempenho de tão pesada tarefa. Por onde principiarei eu? Pelo que mais atraher a attenção do dia, pelo flagello da peste que nos açoita. Sim, meu amigo, o cholera, esse viajante universal que entrou na Europa com a nova civilisação, com a civilisação do seculo XIX, também nos veio visitar; tem corrido diversas províncias e ei-la a passear no nosso Pernambuco, tendo-lhe invadido os limites com uma semi-cerimonia admirável. Estes homens ei da terra, meu amigo, são uns pobres orgulhosos, para quem Deus e a Providencia parece que pouco ou nada significão; em verdade Voltaire representando-os, tollos e orgulhosos como são, debaixo da imagem do seu Micromegas, ostentou-se homem de espirito.

Não virão os de cá, que a nova civilisação ia invadir o Brasil e que o flagello dessa mesma civilisação havia de por cá aparecer para preparar-lhe o terreno, e dar impulso aos novos interesses. Não vêm esses homens que os emperrados, só levados á chicote fazem alguma causa, e cedem um tanto de seus prejuizos e de suas pretenções. Foi um gosto, meu amigo, o nosso presidente, o nosso conselho de hygiene, assentão que podiam com seus meios misérrimos pôr embaraços á viagem do civilizador, e salvarem o *status quo*; e nesse intuito crearam uma causa chamada — *quarentena* — e assentão n'uma ilhotá denominada — Nogueira ou Pina —

### FOLHETIM.

HOFFMANN. (\*)

### CONTOS NOCTURNOS.

#### O MORGADO.

— Pois bem! disse o velho, a noite proxima velaremos juntos. Esta voz interna me diz que minha força intelectual me serviria menos que minha coragem; tenho a firme convicção de que o espectro mal-dito deve ceder-lhe, e que longe de ser criminosa, minha empreza é boa e útil. Se exponho minha cabeça e minha vida é para combater um ser mau, que tem expelliido os filhos da morada de seus antepassados. Auguro bem de meus esforços; a firmeza que levar na luta, os pios sentimentos que me animão porão a honra e a victoria a meu lado. Mas se a vontade de Deus permitir que o poder do mal triunfe de mim, deverás attestar, primo, que, apesar de minha derrota, sustentei ao menos como homem do bem e como cristão o combate travado com o mau espirito, enja presença perturba a paz destes lugares!... Enquanto a ti, ficarás longe de mim, e nada terás a recear.

Vide o Liberal n. 985.

uma barraca, palhoça, ou cousa que valha, á que denominarão — *Lazareto* —, onde erão acomodados os pobres que chegavão dos portos infecionados. Todo o mundo ria-se dessa miserável barreira oposta ao impetuoso transito do gigante, e gente havia que se irritava de ver que se trascava até com os males da humanidade. Sabe vossê o que fez o gigante assolador? caçou com o nosso José Bento e com o seu conselho de hygiene, e com o seu lazareto, e com as suas quarentenas; veio-nos pela retaguarda, dando gargalhadas estrondosas. Pensarão que a civilisação só caminhava embarcada, e ella mostrou que também sabia andar por terra. E como, meu amigo, com que tactica? Vae-nos pondo a cidade em cerco; passou da Bahia para as Alagoas atravessando o rio São-Francisco, com um passo; estendeu-se de Penedo por toda aquella província, e, entrando-nos pelo Sul, já se vae estendendo ao Norte e encaninhando-se airoso para a capital. É a civilisação que nos bate os flancos, são os novos interesses que veem desalojar de seus domínios os velhos interesses emperrados que só com o azorrague da Providencia eadem de seu capricho, de sua teima. É da condição humana, meu amigo, que só de um grande mal pôde nascer um bem. Quantas pessoas não estarão aterradas? Mas aterradas de que? Da morte? Ora, meu amigo, e o que é a morte? Quer que lhe diga uma cousa, eu cá penso que isso de morte não vale muita cousa; é verdade que ainda lhe não senti de perto as garras. Mas como cerio o que me ensinára os meus pais, que lhes ensinára os meus avós, que o souberão de seus antepassados, isto é, que os inimigos da alma são tres — mundo, diabo e carne — e que a morte nos livra de dous desses inimigos que são o mundo e a carne, me parece que ella é sempre um bem para aquelle que não está de todo entregue ao terceiro que é o diabo. E note, que quem mais teme a morte é aquelle que mais entregue se acha a esses tres inimigos. Aquelle, meu amigo, que crê na alma e que está compenetrado de sua imortalidade, não pôde arrepiar-se da morte, uma vez que esta lhe deixa momentos para reconciliar-se com o seu Supremo Julgador. O horror que a peste inspira é filho do sangue frio em que estão as populações; porque peiores do que a peste são as guerras, filhas das paixões caprichosas dos homens, e para as quaes milhares e milhares de homens caminhão entusiasmados por alguma palavra vasia de sentido e que algum espertalhão lançou da boca, como expressão do mais acanhado e individual egoísmo, mas que soube dourar com alguma desses palavrões — como liberdade, patriotismo, etc.

Meu amigo, o que se passa neste pobre planeta que me coube por sorte habitar, é uma misérrima comédia, que ora desafia as lagrimas do homem sensível, ora as garga-

Era chegada a noite; depois das penosas e multíplicadas ocupações, Franz tinha servido a ceia, como na vespresa, e trazido o *punch* preparado para nós. A lúa cheia brilhava com todo o seu esplendor no meio das nuvens resplandecentes; as vagas do mar bramão; o vento da noite uivava e abalava com ruido as vidraças das janelas de fórmica ogival. Uma predisposição interna levou-nos a conversar sobre cousas indiferentes.

O velho collocára sobre a meia o seu relógio de repetição; e elle dava meia noite.

Nesse momento abriu-se a porta com um estrondo medonho, e passos leves e ligeiros atravessaram a sala, como na vespresa, o gemidos e soluços se fizerão ouvir.

Meu tio tornou-se pallido, porém seus olhos se intillaram um fogo desconhecido; ergueu-se de sua cadeira, e em pé com toda altura de seu grande talho, com o braço esquerdo apoiado sobre o quadril e a mão direita estendida, ficou imóvel no meio da sala, na atitude do mando.

Entretanto os soluços e gemidos tornaram-se mais penetrantes e mais distintos, e pozerão-se a arranhar a parede em diferentes lugares de uma maneira ainda mais horrenda que na vespresa;

Então o velho justiceiro adiantou-se para a porta tapada com passos firmes e retumbantes; parou no lugar em que se continuava a arranhar cada vez mais fortemente, e com uma voz firme e solene disse:

— Daniel! Daniel! que fazes aqui a esta hora?

Derão um grito sinistro estranho, e ouvimos no soalho o estrondo da queda de um corpo pesado.

— Procura graça e misericordia diante do trono

lhadas do cynico. É sempre a humanidade com seus erros, com seu orgulho, com suas pretenções, com suas misérias! Ha poucos dias um preso da cadeia de um lugarejo a que chamão — Olinda — matou ao pobre carcereiro com umas poucas de facadas; ora diga-me: não é isso mais horrível do que o cholera com todo o seu apparato? Em minha opinião é; porque ha ahí um crime que atrahiria sobre a cabeça de quem o perpetrhou um castigo horroroso, ao passo que o cholera é um acto providencial, que porá termo á muitos males e abrirá a porta á muitos bens.

Entretanto, o que é notável, é o egoísmo criminoso com que se vão comportando os poderosos d'aqui, e principalmente o tal José Bento. Cruzou os braços, meu amigo, e mais parece uma matéria inerte, do que um coração unido a uma intelligencia. Em quanto o presidente de Alagoas atrahe o amor dos Alagoanos com actos de humanidade, o José Bento, como a mais simples expressão do egoísmo, não se abala, não se move!

Escolheu uma commissão encarregada de tirar osmolas para socorro dos desgraçados que forem atacados da peste, e dessa commissão fez parte o vigario da freguesia de Santo Antonio. Pois sabe, como se portou a tal commissão, e principalmente o tal vigario que se chama Resende? Teve o desplante de escrever perante o publico, que o producito arrecaçado era quasi nenhum, porque elle e os mais membros da commissão não podiam andar subindo as escadas! Que tal não é o espirito evangelico desse bom vigario! Faça ideia, meu amigo, dos serviços que esse ministro da Igreja não prestará ás pobres ovelhas, que lhe forão confiadas! Trata-se de uma subscrisção para alivio das desgraças do pobre, e esse padre egoísta, que tosqueia diariamente a lâa das miseras ovelhas, furtase a um pequeno sacrifício! E note que essa cousa que se vê por ahí todo de tunica larga, cheia de alamares, e assistindo aos actos da Igreja com uma grande piaca nos pitos, foi um grande republicano, isto é, o *amigo do povo*! E creia o povo n'aquellos que a título de republicanos se dizem seus amigos! São espertalhões de grosso calibre, orgulhosos e enfatizados, que querem que todos desçam ao seu nível, porque não podem elevar-se ao nível dos mais altos.

E por isso nos parece muito acertado a quelle pensamento de Montaigut, que os povos deverão ter sempre presente ao espirito:

Il est bon de rappeler á tous les enfants perdus qui errent dans toutes les capitales de l'Europe, le cœur gonflé de fiel, ou (ce qui est un cas plus frequent) l'esprit plein du vent impur et dessechante que souffle le siècle, que l'ideal de la democracie, ce n'est pas l'orgueil ni la revolte, ce n'est pas même l'honneur et la bonne volonté, ni au-

do Altissimo, é lá o teu lugar! mas saí desta vida, onde não te é mais possível entrar.

Assim falou meu tio com a voz ainda mais trovante que d'antes. Pareceu-nos que um ligeiro suspiro deflísca atravéz dos arcos e se confundia com o sibilante da tempestade que começava a elevar-se. O velho approximou-se da porta, e fechou-a com um estrondo que abalou a ante-câmara abandonada. Sua palavrão, seu aspecto tinham alguma cousa de sobre-humanidade que me fez estremecer. Quando sentou-se na cadeira, seu olhar era radiante; uniu as mãos e ouviu sin fallar: alguns minutos depois disse com essa voz branda e tozante que sabia tomar.

— Inão, primo!

Chegou de espranto, horror, anciedade, de santo respeito gamor cahi aos seus joelhos, e banhei suas mãos e lagrimas ardentes. O velho me apertou em seus braços e em quanto me opprimia contra seu coração, disse-me com calma:

— Inão primo, agora vamos dormir sozegados.

Com efeito, nada de extraordinário se fez notar nas noites seguintes; recobrei minha antiga alegria, e deixei de tener as velhas baronezas. Todavia elas conservavão sempre a meus olhos alguma cousa de fantástico, com suas maneiras extraordinárias, e eu sempre as considerava como aparições cómicas que meu tio sabia animar de um modo interiormente falso.

IV.

Muitos dias depois, chegou emsí o barão com sua mulher e um numeroso sequito de cajá. Os hóspedes que havia convidado se reunirão; o castello tor-

eue des qualités sympathiques de l'homme, mais la veritá et la sainteté transportées de l'accomplissement des devoirs religieux dans l'accomplissement des obligations temporelles et des devoirs du citoyen.

Veremos, como se porta o ex-republicano vigario, quando a peste estiver na cidade, assolando os egoístas. Meu amigo, a actualidade tormentosa de Pernambuco exprime perfeitamente o que é a sua aristocracia; o que mais me anima é que os taes aristocratas hão de ser os primeiros que a cholera divina ha de punir.

Em minha opinião era o tempo de chegar o cholera para acabar de desmoronar o velho edifício. A nova fase em que vamos entrar se annuncia de todas as partes; de todos os lados se brada — progresso —, e o movimento jornalístico e litterario se faz eminentemente notável. A corte do Rio de Janeiro vê cada dia um jornal, um periodico, que fala em nome da litteratura, da medicina, da jurisprudencia, emsí das sciencias e das artes. O gabinete actual parece animado dos melhores desejos, a excepção do Nabuco que é na phase que se abre um borrão do passado, é a unha de Satanaz para manchar a nova obra. Cousa porém extraordinaria! O mesmo Nabuco com os seus regulamentos, com a sua sciencia de retalhos, com a sua reconhecida mediocridade, à força de querer reformar o velho edifício para cousa mais antiga, tem-lhe dado golpes horrendos, tem-lhe aberto fendas, e destarte tem-lhe cada vez mais appressado a ruina e o desmoronamento. Já vê o meu amigo que era tempo de chegar o cholera, para dar impulso á obra providencial. O cholera no Brasil comparado com o cholera na Europa, mede a distancia de uma civilisação á outra.

Pode-se dizer que o passado tem chegado ás suas ultimas consequencias, ao chaos, e que desse chão ha de nascer a nova ordem. Deixe o povo caminhar o cholera, não o tema, erga os olhos ao céo, dirija suas preces á Providencia, tenha nos altos designios a mais plena confiança, e lembre-se de que elle prepará aos vindouros melhor destino.

Do que fica relatado, meu estimável amigo, já vê vossê qual é o estado social do meu pobre Pernambuco; e se quer fazer uma ideia mais palpável, enhe lhe vou contar uma cousa, que por certo lhe ha de fazer dar meia duzia de gargalhadas.

Passeando-se por todas as ruas e arredores desta capital de Pernambuco, ha duas casas que atrahem a attenção do observador. Uma é sita em um lugar chamado — Pombal — e outra em uma rua conhecida pelo nome de — rua da Aurora. — A primeira é uma especie de gaiola, onde figura a mais completa desordem. Tem de tudo, meu amigo, tem por detrás uma torrinha fechada, que parece um brinco de creaneas; a fachada está reconstruída de novo, assim como a ala esquerda, em um estylo de arquitectura que

nou-se vivo, animado, tal como já o descrevemos. Quando o barão, imediatamente depois de sua chegada, entrou em nossa sala, pareceu extremamente perturbado por nos haverem collocado ahí, em vez de nos conservarem o aposento habitual do justiceiro. Lançou um olhar sombrio sobre a porta condennada, e, desviando-se apressadamente, levou a mão a fronte, como se quizesse afastar uma triste recordação.

Meu tio falou-lhe do estado de decadencia da sala de audiencia, e das camaras vizinhas. O barão queixou-se de Franz não nos hospedar melhor, e obrigou com muita affabilidade meu velho tio a pedir tudo o que fosse susceptivel de tornar sua morada mais comoda, e sua posição mais toleravel.

Em geral o comportamento do barão para com meu tio era não só cordial, como respeitoso: e sua attitudine parecia a de um filho para com seu pai. A deferencia que lhe testemunhava fazia-me esquecer as maneiras rudes e a arrogancia de que dava provas cada vez mais evidentes. Fingio não me observar, e vivo em mim um escrevente ordinario. Desde a primeira sessão, quando eu redigia um auto, quiz notar algumas faltas em meu trabalho; o sangue subiu-me as faces, e estava a ponto de dirigir-lhe uma replica mordaz, quando meu tio tomando a palavra, declarou que eu obrava sempre directamente segundo suasvistas, e que o seu parecer, ao menos em matérias judiciarias, devia ser preponderante.

(Continuar-se-ha.)

duvidou haja arquitecto que possa dizer á que ordem pertence : a ala direita é um velho pardieiro, que exprime a miserável arquitectura de alguns annos passados. Essa miscelânea que se assemelha á uma velha de chinó, com uma face enrugada, e com outra arriscada, é a morada do muito alto senhor Barão de Suassuna, o chefe da mais aristocrática casa deste Pernambuco, senão deste Brasil inteiro. E porque razão o velho Barão mandou reconstruir essa fachada e essa aza esquerda? Pois não advinha, meu amigo? Foi para na fachada, bem em cima, e no lugar mais saliente, mandar fazer um grande escudo com as armas da família. Não se ria, meu amigo; o que lhe digo he a pura verdade. Bem vê, que a gloria do tal Barão deve ser immortal, e que cousa mais propria á immortalizar do que um escudo de barro, caiado, e com umas coussas que na linguagem heraldica querem dizer muita cousa?

A segunda he uma casa de melhor gosto, com alguma arquitectura, e que cahe também no mesmo ridículo; porque tem na fachada uma outra peça de igual jaez: — um escudo com uma cousa á que chamão armas de família. Pertence ao meu nobre Barão de Boa-Vista e lhe foi dada pelo comércio.

Ora, meu amigo, não me dirá: ha nada mais tollo, e mais ridículo do que essas immortalidades em escudos de barro, que se desmoronam com um martello? Não veem os Srs. Barão de Suassuna e Barão de Boa-Vista que taes asneiras só provão contra o seu bom senso? O que querem dizer em um paiz como o Brasil escudos de barro com armas de nobreza gravadas nelles?

Esses dous homens são brasileiros? São, e ate são Pernambucanos. Qual he a base da sociedade brasileira? E' a constituição do imperio. E quais são as distinções de nobreza reconhecidas pela constituição? *Talentos e virtudes.*

Ora, será possível que os Srs. barão de Suassuna e barão de Boa-vista se tenham na conta dos homens mais talentosos e virtuosos, já não digo do Brasil, e sim de Pernambuco? Mettão esses senhores a mão na sua consciencia e respondão. E se forem rascavais, hão de concordar, que as suas casas são as mais destructaveis que existem em Pernambuco.

Supponha agora o meu amigo que um estrangeiro chega a Pernambuco, como o primeiro ponto á que de fóra se chega no Brasil. O que fará em primeiro lugar, para avaliar a nossa situação como povo, como nação? A primeira cousa certamente de que lançará não ha de ser a constituição, o pacto fundamental, onde estão os elementos constitutivos da sociedade brasileira. Esse estrangeiro dirá certamente com sigo: — procuremos as classes distintas desta sociedade, e a força de folhear a tal constituição lá encontraria o tal princípio — *dos talentos e virtudes.* Bem, dirá elle, aqui o mais talentoso e virtuoso será o mais nobre.

No dia seguinte, ei-lo á correr as ruas e arredores, e não lhe escaparião as duas nobíssimas casas; infalivelmente tomaria nota delas, e provavelmente hava de querer visitá-las.

Acompanhemos o estrangeiro na visita do Sr. barão de Suassuna e depois na visita do Sr. barão de Boa-vista. Ah! meu amigo, nem sei como sera possível conter o riso, quando o viajante se metter a puchar pelos homens na alta politica, na alta literatura, na alta scienzia! Aposto que os dous barões hão de dar de si uma bem pobre idéa! Penso que encontrará no primeiro estudada reserva e friesa e no segundo maneiras affáveis, palavrinhas doces, modos de baile: scienzia, talentos! Um! Creio, que não, meu amigo. O estrangeiro fará suas reflexões e por certo ha de tomar nota em sua carteira e quando escrever as suas viagens á Pernambuco, por certo que fará a seguinte reflexão:

« Em Pernambuco ha dous homens eminentemente revolucionarios e desordeiros; esses são o barão de Suassuna e o barão da Boa-vista. »

E terá razão; porque a revolução é a reacção contra o pacto fundamental de uma nação; e as casas do barão de Suassuna e do barão de Boa-vista conservão em suas fachadas duas senhas revolucionarias, dous protestos contra o princípio constitucional. Não é pois para admirar, meu amigo, que esses dous homens, que se dizem chefes de duas aristocracias, sejam os dous primeiros revolucionarios de Pernambuco; e tiverão o displate de aqui formarem uma cousa chama da partido que tomou o nome de *ordeiro!* Não se lembrai por certo daquella bonita

cancão de Dupont, que diz assim, em referência ao barão Eusebio:

« Il parle au nom de la science  
« Et de l'amour au vieux baron,  
« Qui porte croix et fer de lance  
« Sur chant d'azur avec fleuron :  
« Ce serait une vilenie, »  
« Dit le baron peu convaincu,  
« De voir figurer ton genie  
« Et ton amour sur mon ecu. »

E note, meu amigo, que o tal José Bento é tão pobre de intelligence e tão servil que, uma vez disse na camara dos deputados que — os dous barões não erão revolucionarios porque tinham os taes escudos d'armas nas suas fachadas! Erão a prova mais evidente de que erão dous revolucionarios.

Agora, meu amigo, por quem serão habitados esses dous importantes palacios, depois da morte de seus donos? Quem lhes levará á posteridade a tal aristocracia de escudo de barro basculhado de cal? *hoe opus, hic labor est.*

Se vossê tivesse amizade com esses dous Pernambucanos, eu lhe pediria que lhes aconselhasse, para que mudassem deitar abaixo esses dous desfrutes de barro, que só servem para motivo de escarnio. Faça-lhes sentir que a unica aristocracia que se perpetua, é aquella que se baseia na alma: — o talento e a virtude. Se eis não podem sobreasar por estas duas qualidades, o melhor é acabar com essas exterioridades ridículas que nada exprimem.

Ante-hoitem chega da corte o vapor *Paraná*; estavamos á espera de quem viessa substituir o José Bento; mas qual! Parece que em quanto o Nabuco estiver no ministerio, essa causa não deixará o leme da província, embora a vá levando por cachopos e baixios, e esteja na opinião publica tão razo como o chão.

Meu amigo, tenho tanta cousa que dizer-lhe! Mas, já tenho-lhe escrito bastante, estou cansado, e agora só d'aqui á oito dias:

Seu amigo

*O habitante da terra.*

#### PHILOSOPHIA.

Estudos religiosos, moraes e politicos sobre a VONTADE.

#### I.

A vontade em Deos, a vontade na humanidade, a vontade no homem; eis em nossa opinião, qual deverá ser o alvo principal dos estudos do historiador, do moralista, do político, do philosopho. E' pela vontade que se deve graduar o progresso da humanidade e a consideração do homem. Todas as mais faculdades são secundarias e estão ao serviço da vontade. Entretanto não venho que para esse ponto se tenha aplicado teda a atenção necessaria; busca-se antes estudar a *inteligencia*; busca-se mais perscrutar os arcanos da *sensibilidade*; e mais por estas duas faculdades do que por aquella mede-se progresso da humanidade e do homem. Não seria conveniente determinar nos espíritos uma tendência para o estudo da vontade em todas as esferas em que ella pode desenvolver-se? Vamo-nos por certo entrar na um terreno espinhoso e tomar sobre nossos homens uma tarefa por demais pesada; mas, cumprimos o nosso destino, digamos com franqueza o que nos assomar ao pensamento, e aqueles que nos lerem julguem as nossas palavras e as nossas doutrinas, como lhes parecer.

Qual é a faculdade principal do homem, aquela que o constitue *homem*, que constitue *pessoa*, que o constitue capaz de premio ou castigo? A vontade.

E o que é a vontade? E' a faculdade de querer. O homem que pode dizer — *eu quero*, — esse tem vontade. A vontade absoluta dirá *eu quero, porque quero*; mas a vontade relativa, a vontade humana diz — *eu quero por isso ou por aquillo*. — A vontade relativa que não da a razão do seu querer, é uma vontade louca, sem responsabilidade possível. A vontade e os seus motivos: — eis toda a teoria da personalidade. E os motivos que drigem a vontade não lhe desistem a liberdade; por que a liberdade consiste no poder de escolher os motivos, no poder de afastar a ação das causas más que possam influir sobre a vontade.

de; liberdade que é muito limitada, mas sem a qual a vontade deixaria de ser vontade.

Porque queremos praticar antes assim do que por outro modo? Ou porque essa é a vontade de Deos; ou porque cumpre satisfazer aos prazeres do corpo; ou porque cumpre satisfazer aos prazeres do espírito; ou porque cumpre satisfazer aos prazeres do corpo combinados com os prazeres do espírito. No primeiro caso Deos é o impulso ou o motivo de nossa vontade; no segundo caso somos nós mesmos esse impulso, o que dá o egoismo material, ou o egoismo espiritual, ou o egoismo material combinado com o espiritual. Em ultimo resultado dous são os motivos que operam sobre nossa vontade: o dever e o egoismo. Qual destes dous motivos merecem a preferencia? O homem foi criado para o homem? Pode ser elle o princípio e o fim de sua criação? Fóra absurdo; porque então o homem fóra o ser necessário, e isso implica com a sua natureza de ente criado.

Se o homem foi criado por Deos, elle foi criado para Deos, conforme as suas forças e potencias naturaes. Deos por tanto é o princípio e deve ser o fim do homem. Logo todo o princípio d'acção, todo o motivo da vontade que tira a sua força do proprio homem é inimoral.

Dabi resulta por uma consequencia rigorosissima, que só ha um motivo legitimo d'acção, é o dever, ou a vontade de Deos, e que em oposição á elle está o egoismo, quer material, quer espiritual, quer combinado.

Como poderemos conhecer a vontade de Deos ou o dever? Ha dous meios — a revelação e a razão. Qual dos dous deve estar sujeito um ao outro? Decididamente a razão deve estar sujeita á revelação. E porque? Porque a razão é Deos e homem, e a revelação é Deos puramente. A razão, por mais impenso que se conceba, tem alguma cousa de pessoal e essa parte de personalismo na razão é um genio de egoismo, ao passo que a revelação é toda impenso. Mas como crer na revelação sem o appoio da razão? Uma cousa é o testemunho da razão para certeza da revelação, e outra cousa é fornecer a razão por si só o conhecimento da vontade de Deos. A razão, por tanto, não é mais do que um auxiliar da revelação. Provada a necessidade e a realidade da revelação, cumpre seguir a vontade revelada como impulso da vontade humana; a razão esclarecerá essa vontade e creará tendencias naturaes muito consideráveis.

A luta entre o egoismo e o dever, triunphando regularmente aquelle sobre este, constitue o estado da vida transitoria que passamos neste mundo; o triunphio completo do dever sobre o egoismo constitue essa phase que deseçorramos para os benaventurados na vida d'álém tumulo.

Quando nasceu o egoismo? Com a queda do primeiro homem, que consistiu no querbramento da vontade divina. Quando finiará o egoismo neste mundo? Quando a humanidade terminar a sua existencia neste mundo. E quando terminará a humanidade a sua existencia neste mundo? Quando o egoismo houver percorrido toda a sua esphera. E quem determinou o esgotamento do egoismo? Jesus Christo, creando a superioridade do espírito sobre a matéria, constituindo a alma em sua personalidade, ensinando-lhe que a sua vontade estava submissa á vontade de Deos; e deixando uma instituição que velasse na defensão da vontade de Deos. Essa instituição é a Igreja Catholica.

A historia nos pode fornecer alguns dados acerca do imperio dos motivos na humanidade? Sim. Até Jesus Christo, o imperio do egoismo material: — a matéria em sua grandeza selvagem, na civilização egípcia; a matéria em sua delicadeza de formas, na civilização grega; a matéria em sua transição para o espírito na civilização romana. Depois de Jesus Christo, o triunphio do espírito sobre a matéria, e as lutas do egoismo espiritual com o dever revelado.

Em que ponto estamos? O materialismo oriental e musulmano á estorcer-se nas convulsões da morte; o egoismo da civilização anglicana decaindo; o dever egoista da Alemanha vacillante, e o dever revelado do catholicismo em toda a sua força. E a França? Collocada entre Roma e a Alemanha, deve ser o conductor do supremo triunphio. O futuro nos mostra como unica luta possível aquella que se travará entre a razão philosophica da Alemanha e a razão catholica de Roma. O triunphio da razão catholica sobre a razão philosophica dará o completo triunphio do dever sobre o egoismo considerado em todas as suas phases. E depois? Quem sahe? Talvez os mil annos do Apocalypse;

e depois dos mil annos, ou antes, se estes já são passados, á realisaçao da promessa de Jesus Christo; o termo da humanidade neste mundo; sua ressurreição, e o triunphio completo do dever para os que habitarem a cida-de Santa.

Estamos sonhando? Pensamos que não; pensamos que estamos raciocinando, e o raciocinio não é sonho. E os que quizerem saber se sonhamos, combatão os nossos sonhos e venham raciocinar com nosco.

E que applicação tem essas cousas entre nós? Toda; porque é mister caminharmos com a civilisaçao, e esta não é medida nem pelo progresso material, nem pelo progresso intellectual, mas sim pelo progresso moral, pelo progresso e desenvolvimento da vontade, tendo por motivo a lei do dever. O progresso da vontade, combinado com o progresso material e com o progresso intellectual, dão a mais alta expressão do progresso humanitario; caminhemos para ali; não nos ena-moremos do nosso corpo ou do nosso espírito exclusivamente. Mas que em todas as nossas ações, em todos os nossos trabalhos scientificos e artisticos, se veja o cunho inextinguível do dever. Somos catholicos, procuremos por toda a parte o triunphio da razão catholica; é assim que podermos seguir pari passu o maior progresso humanitario.

F.

#### LITERATURA.

#### UMA ACADEMIA DE ROMANCISTAS NA ALLEMANHA.

*Sammlung auserlesener Original—romane, herausgegeben von Otto Müller.* — I *Afraja*, von Théodore Mugge. — II *Charlotte Ackermann*, Otto Müller. — III *Der Dunkelgräf*, von Ludwig Bechstein. — IV *Der Sonnenwirth*, von Hermann Kurz. — V *Die Freimaurer*, von Gustav Kuhne. — VI *Die Familie Ammer*, von Ernst Willkomm; 6 vol. Frankfurt 1854—1855.

(Continuação do n. 983.)

(Conclusão.)

Vê-se que a tentativa de M. Otto Müller ainda não cumpriu quanto havia prometido. A intenção é excellente, o programma atesta um vivissimo sentimento do que falta hoje ás letras germanicas: a execução é indecisa e não o correspondeu senão de um modo imperfeito ao primeiro pensamento. M. Müller anuncia uma escolha de obras meditadas com cuidado, escriptas com amor, principalmente destinadas á fazerein a educação do publico; elle anuncia obras que tem a pretenção de combaterem a esperança de substituirem os productos da litteratura mercante, as imitações frivolas do estrangeiro: porque então esquecer q' o que cumpre fazer antes de tudo, é a segurança do juizo e a severidade da escolha? Nada melhor, seguramente, do que reunir em um mesmo pensamento os narradores recem-chegados e os que já derão provas; mas de que serve esse seminario de escriptores, se não ha uma regra séria, uma direccão vigilante, um complexo de doutrinas claramente formuladas? Não se diga que essa unidade de principios prejudicaria á francoza da imaginação: o autor de *Carlota Ackermann*, o autor do *Sonnenwirth*, o autor de *Afraja*, á despeito das qualidades que os distinguem, marchão evidentemente para o mesmo fim; elles sabem muito bem o que querem, elles tem igual amor á verdade e á arte, e essa preocupação commun, em vez de prender-lhes o impulso, parece ter-lhes duplicado as forças. Expliquei pelo contrario a razão porque eu excluia do cenaculo as obras de M. Gustavo Kuhne, de M. Ernesto Willkomm, e sobre tudo de M. Luiz Bechstein. De halde assinalar-se-ião na *Familia Ammer* idéas elevadas ou antes desejos, esboços de idéas; em vão dir-se-ia que ha aqui ou ali uma intenção philosophica séria no symbolico romance dos *Pedreiros-livres*: os dous escriptores deixarão-se completamente desvairar, M. Gustavo Kuhne por uma subtileza obscura e por uma extravagante audacia, M. Ernesto Willkomm por uma desceitosa volta aos modelos suspeitos que so havião renegado para sempre. Não discuto M. Bechstein, porque a discussão não saberia sobre q' versar, e apenas acrescento esta conclusão: — dessas seis primeiras obras, que deverão despertar no espírito publico o amor da arte séria, só tres não são repelidas pela arte séria.

Perdoe-me M. Otto Müller que eu insista: elle assumiu grande responsabilidade ao accitar a direccão de semelhante empreza. A

# O LIBERAL PERNAMBUCANO.

JORNAL POLITICO E SOCIAL.

O Liberal Pernambucano publica-se diariamente, e subscreve-se na typographia da rua do Collegio N. 14 a 30000 por tres meses pagos adiantados; os annuncios para os Srs. assignantes são pagos a 20 réis por linha; correspondencias e outra qualquer publicação pagar-se-ha o que se convençor: os interessados se deverão entender com o Editor na mesma typographia. A Redacção é distinta da Administração.

Anno V.

Quarta feira 30 de Janeiro de 1856.

Número 992.

## VARIEDADE.

Cartas de um habitante da terra, escriptas do Recife, a um habitante do planeta Mercurio.

III.

Meu estimavel amigo, eis-me com a pena na mão á desempenhar o dever que contrahi para com vossê, de noticiar-lhe o que por aqui de mais notavel fôr ocorrendo. Ainda, como na passada, o objecto mais importante que nos attrahe a attenção é o cholera, ou cousa que com elle se parece; uma comarca á algumas leguas desta capital, denominada Victoria, vai soffrendo os desapiedados golpes do terrivel viajante. O nosso José Bento tem-se visto em papos d'aranha, e não sabe o que faça; não se preparou com tempo e não é de admirar que se veja agora entre a eruz e a caldirinha. Sobre elle certamente pesa grande responsabilidade, e quando chegar o esposo dessa virgem louca lhe pedirá contas restrictas, por não lhe haver preparado o leito nupcial com a pompa de que era elle credor.

Mas pensa vossê, meu amigo, que o cholera é o unico flagello com que estamos a braços? Não certamente; outro mais terrivel o acompanha, é a fome. A fome em um paiz tão vasto e tão rico como este! Mas o que quer, meu amigo, se as cousas nesta terra caminhão de um modo pouco ou nada comprehensivei? O que quer, se as bases sociaes se achão aqui assentadas na iniquidade e na barbaria?

Sabe o meu amigo que o trabalho é a origem, é a fonte de toda a riqueza, de toda a abundancia social, e que esse trabalho se apresenta nas sociedades debaixo de tres relações, resultando d'ahi a triplice distinção económica de — agricultura, commercio e industria. Ora desses tres modos de aplicar o trabalho, aquelle que está á frente da riqueza é a agricultura. Onde a agricultura constitue um monopolio, um privilegio de poucos, não é de admirar que as outras classes soffrão; junte a isso que o commercio está tambem monopolizado por estrangeiros e que a industria nem ainda se pôde dizer que tenha sahido dos coeiros, e diga e avalie qual será o estado da riqueza social entre nós.

A nossa população pôde ser avaliada em 1.000.000 de habitantes e d'entre estes se calculão em 600.000 os livres e em 400.000 os escravos. Talvez o numero dos proprietarios territoriaes não excede de 10,000; e teremos 590,000 homens livres sem terras, e sem industria que lhes proporcionem lucros suficientes para satisfazer as suas necessidades de todo o genero. O alimento

comum é a carne, o bacalháo, a farinha de mandioca e a farinha de trigo. A exportação se alimenta quasi exclusivamente do assucar e do algodão, e as cousas que alimento o consumo nos veem em grande parte por importação.

Antigamente os proprietarios territoriaes tratavão tambem da pequena cultura que lhes satisfazia as primeiras necessidades de seus escravos; mas hoje, os seus cuidados se tem volvido sómente para a grande cultura, porque os lucros que d'ahi tirão são sufficientes para a compra dos generos de primeira necessidade.

Segundo o que fica ponderado, temos que as primeiras trocas se effeituarão entre os grandes agricultores e os importadores. E esses agricultores são grandes consumidores, porque a maxima parte dos escravos constituem as suas fabricas.

O que resultará de semelhante estado de cousas? Resultará necessariamente que a população livre soffrará muito nos tempos de escassez, porque já nas epochas ordinarias a sua substancia é difícil e muito limitada.

O emprego das machinas suscitou na Europa grandes questões económicas e até abalos sociaes; mas as machinas tem a grande vantagem de não consumirem generos de primeira necessidade, não comem, não bebem, nem vestem, e por isso todo o augmento de produçao que procurarem redundar em vantagem do consumidor. Não acontece a mesma cousa com braços escravos, porque estes tem necessidades, comem, bebem, e vestem como os livres; e por isso a sua competencia no consumo é sobremaneira prejudicial á população livre.

Se o governo em tais circumstancias cruza os braços, se não toma alguma providencia, o que sera de nós? O que sera da população livre em uma emergencia tão triste?

Meu amigo, parece-me que é tempo de que os homens da governança e todos aqueles que podem dirigir o paiz, estudem com sinceridade a nossa situação económica e procurem resolver o problema da riqueza de maneira a salvar-nos de futuros abalos. Me parece também que não devemos limitarnos á copiar os trabalhos dos economistas europeos; porque ali a organisação social é mui distinta da nossa, e regularmente as discussões se suscitão em face de uma certa actualidade, e essa actualidade dá a tais discussões um caracter local que as torna inaplicaveis á outros lugares em outras circumstancias. Colloquem-se os homens sob um regimen absoluto, e as discussões sociaes se ressentirão dessa condicão; os reformadores se atirarão aos extremos e os conservadores se conservarão no estado de compressão necessaria. As opiniões então apresentarão o mais completo antagonismo.

paixão como a minha, era-me completamente estranha.

Finalmente estando o piano afinado, resolvi exprimir meus sentimentos internos por phantazias variadas, por maviosas e agradaveis cançonetas, como nos vem do Meio dia.

Em quanto eu repetia Senza di te e Sentimi idol mio, al men se non poss'io morir mi cento e cem addio e oh dio, o olhar de Serafina tornava-se cada vez mais brilhante. Ela estava collocada junto de mim diante do instrumento, e eu sentia-lhe a respiração errar sobre minha face. Como ella arrimava o braço atraz de mim sobre o espaldar da cadeira, as pontas de uma fita branca, negligentemente atada sobre o vestido de baile, cahião-me sobre a espada; as sons que sahão de minha boca, os leves suspiros de Serafina fazendo fluctuar entre mim e ella essa fita, e a reenviavão de um á outro como fiel messageira de amor. E' para mim objecto de admiração como conservei o sangue frio.

No momento em que preludiava o tom de uma nova canção, Adelaide, que estava num canto da camara, chegou-se para nós, ajoelhou-se diante da baroneza, touou-lhe as duas mãos, e apertando-as contra o seio, disse:

— Cara baroneza, minha Serafinha, não vais cantar tambem?

Na Europa o governo mixto está ainda em problema; as monarchias de direito divino ainda lá estão á lutar com as democracias exageradas que, na impossibilidade de as combaterem com os actuaes elementos, procurão de todo alteral-os. Não é pois de extranhar, que se tenha atacado a propriedade em suas bases, e que tenhão apparecido escolas socialistas e communistas, que mereçam as sympathias de um grande numero. Os extremos se locão, e por isso não é de admirar que os economistas europeos tenhão voltado contra os socialistas e communistas as proprias armas com que estes procuravão ferir a seus adversarios, e por isso collocados pelo impulso das cousas no *laissez faire*, devião com a liberdade illimitada combater a liberdade illimitada. Isso só prova que todas as opiniões extremas são fataes, e que a verdade está em um meio termo, na harmonia dos dous contrarios: — nem *ordem* exagerada, e monopolios permanentes do governo; nem *liberdade* illimitada, que tem de a cahir em monopolios de outro genero. Em uma monarchia representativa, como aquella que existe no Brasil, onde nem se reconhece monarchia de direito divino, nem liberdade illimitada, por outros principios deve a scienza regular-se em sua applicação. A intervenção do governo bem harmonizada com a liberdade deve constituir a base de nossas pesquisas económicas.

A economia politica, como todas as sciencias, se funda em principios abstractos; a applicação delles á uma sociedade qualquer demanda o estudo accurado dos elementos dessa sociedade, e para esse estudo não se pôde prescindir das funcções politicas dos associados e de sua condição natural. Em um paiz onde o comércio está nas mãos de uma classe, e a agricultura nas mãos de outra; em um paiz onde ha escravidão e um grande numero de escravos compete no consumo pregar a doutrina do *laissez faire* e limitar as funções do governo á garantia de semelhante actualidade, é propalar uma doutrina subversiva e insustentável.

Por estas considerações, me parece, meu amigo, que se o governo não intervier nos meios de evitar a penuria geral, teremos de ver muitas desgraças.

Como intervirá elle? É uma questão prática de difícil solução, para a qual não está habilitado o nosso José Bento, mormente no estado de enfranquecimento moral á que está reduzido. Estamos n'uma crise, e para as crises se ha mister de homens energicos que possão assumir a responsabilidade de suas resoluções.

Mas passemos a outro topico, e como o meu intuito de acordo com os seus desejos é dar-lhe uma idéa exacta da nossa sociedade e da nossa aristocracia, cumpre-me que lhe

diga alguma cousa sobre os nossos costumes, e do como se manifestou a quadra de materialismo que me parece proxima a findar.

Quando o movimento espiritual valia alguma cousa nesta pobre terra, a nossa actividade se fazia sentir nesse terreno, e não era de admirar o verem-se nas reuniões familiares e mesmo nas reuniões publicas signaes evidentes desse desenvolvimento. Porém, depois que a reacção material aristocrática se apoderou da nossa sociedade, ostentou-se ella em um ponto culminante de ridiculo. Velhas usanças reapparecerão, e com elles esse orgulho mal entendido que na actualidade é uma especie de D. Quichotte em relação á media idade. Uma dessas usanças que ressuscitou foi o divertimento aqui chamado — *cavalhadas*. — Ah! meu amigo, não houve um divertimento, uma festa de aldeia, em que as tais *cavalhadas* não tivessem o seu quinhão. O homem de inteligencia, o raciocinador, o homem-cabeça, desapareceu; e o manequim sem merecimento ou que o fazia consistir todo no desenvolvimento material, ostentou-se ousado á captar os aplausos da sociedade; mas era um arremedo comic de tempos que não podem mais voltar. Tive eu tambem de assistir á uma dessas scenas, e não sei como pude suportá-la de principio á sun. Vou ver, se posso aquí descrever-lha com seriedade.

Supponha o meu amigo uma duzia de manequins da ultima ignorancia, mas que em compensação sabem correr em um cavalo. Vestem-se ridiculamente como cavalheiros de comédia, e parecem outros tantos *Sanchos Pansas*; armão-se de uma lança de pão e de escudos de papelão, e assim convertidos em pobres bobos, se ostentão no lugar designado para o divertimento.

O termo da carreira é marcado por duas astes que sustentão uma corda, no meio da qual ha pendurada uma cousa á que chamão — *argolinha*. —

Preparado o terreno, eis que chegam os cavalheiros, comicamente trajados e a fazerem trejeitos com os tais paos em forma de lanças e, depois de mesurarem aqui e ali, separam-se, e cada um armado de sua lança investe para a tal argolinha, que devem arrancar com a ponta da lança; se conseguem tirá-la, temos triumpho, palmas, e não sei mais que. E o marmanjo, todo cheio de si, escolhe dentre o auditorio uma dama á quem offerta a tal argolinha, que em compensação lhe dá um signal do triumpho, uma fita, por exemplo, ou um lenço, que o tal Sancho Pansa amarra no braço, e volta para o seu lugar todo ufano e cheio de si.

Acabada a corrida, ha então uma especie de mestre de ceremonias e uma especie de juiz que adjudica os premios aos que melhor desempenharão tam importantes funcções.

A minha noiva formosa  
Um dia levei-a ao mar :  
Logo o batel agitado  
Pela brisa caprichosa  
Ao largo se foi lançar.  
Ruge a tormenta no ar :  
Minha bella, recicosa,  
Mira o Oceano revoltado,  
Dos raios o scintilar :  
Com a minha noiva formosa  
Nunca mais irei ao mar !

Assim o pequeno romance da baroneza não tinha outro sentido senão este :

Depois, no dia das nupcias,  
Aquelle que me idolatra,  
Me convidára a dançar :  
Nossas mãos s'entrelaçavão,  
Quando uma flor debruçada  
Da minha c'rda esfolhada  
De repente eu vi tombar :  
Apanhou-a o meu amante,  
Sorriu-se, e mui docemente  
Veio-a pôr no seu lugar :  
E disse : « O meu voto ardente,  
« O meu mais vivo desejo,  
« É qu' um semelhante festejo  
« Breve nos venha tocar. »  
(Continuar-se-ha.)

## FOLHETIM.

HOFFMANN. (\*)

CONTOS NOCTURNOS.

O MORGÃO.

Mas emfim, depois de muitos trabalhos inuteis, servimo-nos dos rolos bons; as cordas estão postas, e a um estrondo sem harmonia succederão sons puros, claros e melodiosos.

— Ah! felismente! felismente! o instrumento está afinado, disse a baroneza olhando-me com sorriso arrebatador.

Como essa communhão de trabalhos fez rapidamente desaparecer a reserva e o estrangismo que impoem as conveniencias! como uma familiaridade sem incommodo estableceu-se entre nós, e, penetrando-me com sopro electrico, dissipou o acanhamento que me opprimia o peito! Essa emphasis extravagante que de ordinario produz uma

Vide o Liberal n. 990.

MILII ADO

Vi um desses divertimentos, meu amigo, em que os rocinantes se ostentavão verdadeiros lazarus.

Bem vê que nessas festas de aldeia não vale o espirito, a intelligencia, a illustração; isso é contrabando. Mas em compensação, que orgulho! Que presumção! Só podem bem figurar em tais farças os aristocratas, os mancebos d'escolha, que sabem cavalgar e que representam as nobres qualidades de seus nobres antepassados.

Alguns se levantam contra esses costumes que tachão de barbares; não lhes acho razão, porque o divertimento não foi concedido somente ao espirito; também a matéria deve divertir-se, e é maior e mais inocente divertimento para a matéria, do que o movimento? Esses senhores espiritualistas querem apoderar-se da sociedade; e não veem nella senão sciencia, philosophia, poesia, idealidades, idealidades. Quando se trata do positivo, daquillo que se vê e se apalpa, tomão ares de escarneio! Pois estão enganados, o corpo também tem uma grande, se não a principal parte, em nossos actos, e, quando querem dominá-lo, elle toma sua desforra.

Não sei, meu amigo, se o tenho ocupado com insignificâncias e nimbrarias; mas julguei conveniente dar-lhe conta dessas cousas, para que vossê bem ajuize da nossa civilisação, e sobre tudo da nossa aristocracia.

E paro aqui, para mais o não cansar, adiando para d'aqui á oito dias o que tiver de mais a dizer-lhe.

O habitante da terra.

(Continuação das notícias da Europa.)

Pelo governo russo foi contrabido com a casa Stieglitz, de S. Petersburgo, um empréstimo de 50 milhões de rublos, ou 200 milhões de francos, a razão de 82 com 5 por cento de juros. Um terço da somma será emitido em Hamburgo e os outros dous em Berlim e Amsterdam. Na bolsa de Berlim foi logo cotado a 86, e em Londres e Paris prohibida a cotação.

Geralmente se julga que muitos outros bancos da Russia, à initação do de Odessa, suspenderão os seus pagamentos.

Nunca, depois que principiou a malfadada questão do orient, se fallou mais em tentativas de paz, em propostas de gabinetes, na intervenção de nações amigas, em congressos diplomáticos, que sei eu? Inutil fôr reproduzir os mil e um boatos que a tal respeito não circulam as ultimas semanas, e para a maior parte dos quais não houve sequer o minimo fundamento. O que em tudo isso ha unicamente de positivo é o haver partido de Vienna para S. Petersburgo o conde Esterhazy, incambido de uma comunicação, proposta, *ultimatum*, ou como lhe queirão chamar, do gabinete austriaco ao d. Alexandre II. Se se deve dar credito ao que afirmam jornais de ordinario bem informados, a unica missão do conde (missão de que dera Francisco José I conhecimento aos gabinetes de Londres e Paris e que por elles fôr aprovada) é representar ao autoerata a urgente necessidade que para todos ha de concluir a paz, e chamar a sua atenção para as consequências, inevitaveis para a Russia, de tão pertinaz e funesta política. Assegurão outros que as recentes propostas de paz s: fundo na admissão destes quatro pontos:— Exclusão de todos os navios de guerra do Mar Negro; desmantelamento das praças fortes situadas nas costas do mesmo mar; renúncia da Russia ao protectorado dos principados, bem como a todos os antigos direitos de intervenção nos estados do sultão; cessão da parte da Bessarabia em que se achão as bocas do Danubio.

Difícil fôr determinar o que haja de exacto em quanto a tal respeito se diz. O que só é certo é a partida do conde Esterhazy, com ordem de regressar logo a Vienna, se pelo czar não fôr attendido, o que é mais que provável, e até corre como certo, havendo-se apresentado a 27 de dezembro ao chanceller Nesselrode.

Assevera-se que a Prussia se une á Austria no mesmo sentido da missão do diplomata austriaco.

Profunda sensação causou em Paris um folheto que ali se publicou e no qual se demonstrava a necessidade de um congresso para terminar a questão do oriente. Julgou-se de Luiz Napoleão ou escrito pelo menos sob sua influencia; soube-se todavia depois que era obra de um litterato, já conhecido por bellas composições, e isso lhe fez perder grande parte da importancia,

tanto mais quanto já não é facil acreditar na possibilidade de conseguir a paz senão em consequencia de transacções originadas pela guerra.

Lisboa, 13 de janeiro de 1856.

A chegada do ministro da fazenda, e o resultado das comissões de que fôr encarregado, são hoje o assumpto principal da curiosidade publica, dos debates da imprensa, e das conversações em todos os círculos.

S. Exc. chegou no dia 2 do corrente janeiro no paquete inglez a vapor Madrid e logo se prineipiou a espalhar que o ministro tinha conseguido completamente o fim a que era destinada a sua viagem.

Affirma-se agora, e parece ser fôr de dúvida, que com efeito se acha terminada a desinteligencia relativa á cotação dos nossos fundos na praça de Londres; parece que Mr. Thornton se obrigou a aceitar as disposições do decreto de 2 de dezembro de 1851, sendo pagas aos possuidores de fundos as diferenças occasionadas pela conversão até á data de hoje, a razão de 13:800 libras por anno até final embolso; devedo este pagamento principiar no momento em que em Portugal a receita fôr igual á despesa, ou quando o governo se acanhá desembarracado da garantia dada ao caminho de ferro de Leste pelo art. 9.º do contracto com esta companhia, e das mais garantias desta natureza que tenha a dar a quaisquer outras empresas.

A vista disto os nossos fundos forão logo cotados na praça de Londres e começarão imediatamente a subir.

Em quanto a caminhos de ferro também do mesmo modo se assevera que o ministro conseguira pôr termo á desinteligencia entre os empreiteiros e a companhia do caminho de ferro de Leste, debaixo das seguintes clausulas:

O governo tomará a mr. Shaw & Companhia todas as ações que elle possuir pertencentes á companhia do caminho de ferro de Leste, pelo preço que elles actualmente representam. Comprará mais pelo preço estipulado no contracto todo o material fixo e circulante, as construções provisórias ou definitivas, pertencentes a mr. Shaw & Companhia que hoje existirem em Lisboa, ou na linha de Lisboa a Santarem, e bem assim o material das obras que tem de construir-se.

Tudo isto s: rá pago em tres letras sobre Londres, uma a dous mezes no valor de libras 10:000, outra a quatro mezes de igual valor, e outra de 20:000 libras a seis mezes. Pelo valor restante, dará o governo fundos de 3. p. c. a 42.

Mr. Shaw de uma parte, e o governo e a companhia dos caminhos de ferro de leste da outra, dão-se mutua e reciproca quitação de todas as obrigações e encargos.

Mr. Shaw entregará ao governo todo o material pertencente á companhia por elle representada.

Todos os pleitos que se tenham suscitado a respeito deste negocio, serão suspensos logo que este contracto fôr assinado ficando todavia ambas as partes livres de reconhecerem o pleito se as côrtes não approvarem estas condições, até ao dia 1 de maio do corrente anno.

Mr. Shaw receberá nos termos do contracto, tudo quanto lhe fôr devido pelos trabalhos executados, e material por elle fornecido, desde a data do ultimo certificado até que as obras cessarão. No caso de haver divergência, quanto ao montante do ultimo certificado, á diferença questionada será dividida entre mr. Shaw e a companhia dos caminhos de ferro. Mr. Shaw será pago dos dividendos que lhe estão em dívida, relativos a todas as suas ações.

A importancia de todas estas sommas será pago em fundos de 3. p. c. ao preço de 43.

Mr. Shaw não será mais obrigado a entrar com prestação alguma, relativa as 11:000 ações de que ainda é possuidor, e as ações não serão confiscadas pela falta de pagamento de qualquer prestação. O governo guardará 2:000 destas ações, como penhor, por qualquer falta ou diferença no material e mais utensílios que mr. Shaw se obriga a entregar-lhe.

Deste modo o governo fica quasi senhor do caminho de ferro de leste, e poderá contratar, como se diz que já contratará, a continuação delle de Santarem á fronteira de Espanha, e de Santarem ao Porto, com a companhia francesa denominada Grande Central; a qual segundo se diz, vai mandar a Lisboa engenheiros, que são aqui esperados a toda a hora, para estudarem estas duas linhas ferreas; e assevera-se também que de-

pois de concluido este estudo, e apreciadas as obras, sera este trabalho enviado a Paris, para se tractar da conclusão definitiva do contracto.

Igualmente se assevera ter contractado o Sr. Fontes um empréstimo de trinta milhões de francos (5:400 contos,) no qual entrão casas respeitabilissimas de Paris e Amsterdam, tais como de mrs. Devaux, Fould e Urielle d'aquelle praça, e Caem desta ultima. Ignorão-se ainda as condições deste contracto, mas parece que a primeira prestação delle será recebida em maio.

Estas notícias que tem todas o caracter de verdadeiras, vão em breve ter confirmação oficial, por quanto todos estes contractos são dependentes da aprovação das côrtes, e hão de lhes ser apresentados depois do dia 19 do corrente, sendo por este motivo que o parlamento foi addiado para este dia. Então se saberão com toda a mindesa os termos de todas estas transacções, e qual a utilidade que dellas pode porvir ao paiz.

Entretanto o quadro que por ora se apresenta é extremamente lisongeiro. Aqueles contractos de caminho de ferro, aquele empréstimo, que se affirma deve ser empregado em obras publicas incluindo nelas a barra do Porto, pôde tudo reunido e bem applicado concorrer poderosamente para a transformação deste paiz; sobretudo se também se realizar a noticia que corre de que o governo francês prometterá fazer com que em Espanha se proceda ao mesmo tempo á construção do caminho de ferro que deve por um lado juntar-se ao nosso, e por outro ao da França.

E' opinião geral que o Sr. Fontes tractará com summa habilidade estes negócios, o que prova o feliz resultado delles. Em quanto ao bom acolhimento que teve tanto na corte de Londres, como na de Pariz, são todos conformes em afirmar que não podia ser melhor; tanto o imperador dos Francezes, como a rainha Victoria lhe fizerão a honra de o convidar a jantar, e esta ultima até lhe ofereceu hospedagem no paço.

Estas notícias já fizerão subir os fundos publicos e ações. As inscrições estão a 44 e as ações do banco de Portugal valem 510:000 réis.

S. Exc. já tomou posse das duas pastas da fazenda e obras publicas.

No *Jornal do Commercio* do 12 lê-se o seguinte: « Hoje foi dissolvida á companhia do caminho de ferro de Leste, comprando o governo todas as ações da companhia. »

Nenhum outro jornal, nem a *Revolução de Setembro* que é considerada semi-official, dizem cousa alguma a este respeito; e por isso creio que esta noticia precisa de confirmação.

As côrtes forão abertas no dia 2 de janeiro com as solemnidades do estylo, por Sua Magestade o Senhor D. Pedro V; o discurso do throno não sahe da formula usada nestes documentos; por ser muito extenso o remeteu em separado para ser transcripto no côrpo do jornal.

Tendo a camara dos deputados procedido no dia seguinte á eleição de presidente e vice-presidente, S. M. escolhem os mais votados, que forão, para o primeiro lugar o Sr. Julio Gomes da Silva Sanches e para o segundo o Sr. Vicente Ferreira de Novaes.

O deputado Santos Monteiro mandou para a mesa, e pediu que ficasse sobre ella para se lhe dar andamento logo que a camara estaja constituída, a seguinte proposta:

« Proponho que seja votada, e se lance na acta, a seguinte declaração.

« A camara dos deputados da nação portuguesa, constituída a primeira vez depois do dia em que terminou a regencia d'El-rei o Senhor D. Fernando II, declara: — Que Sua Magestade no exercicio de regente, bem mereceu do paiz, e adquiriu novos títulos ao amor dos portuguezes, e reconhecimento nacional. »

No dia 7 foi lido um officio do ministro do reino, acompanhando o decreto de 5 do corrente, pelo qual são addiadas as côrtes ate ao dia 19.

O novo banco do Porto passou por uma crise que esteve a ponto de acabar com esta instituição na qual tantas esperanças se fundavão. Parece que na primeira reunião da assembléa geral é que teve lugar a desinteligencia que tão funesta podia ser; desinteligencia que sobrevio no meio da discussão dos estatutos. Diz-se que no fim desta sessão só deserto dos signatários respondião pela sua assignatura.

Entretanto aos exforços do Sr. Moser cederão muitos dos ditos signatários; teve lugar nova reunião á qual comparecerão 161 associados; os estatutos forão aprovados

com leves alterações, e resolveu-se que o banco tomasse a denominação de *Mercantil do Porto*; que fossem emitidos 700 contos de ações, e 300 de apolices, ficando reduzida a 500 contos a totalidade destes ultimos títulos.

N'outra reunião que teve lugar depois desse, foi o Sr. Moser declarado fundador e presidente perpetuo honorario do banco; e foram eleitos:

Presidente da assembléa geral, e conselheiro Alípio Anthero da Silveira Pinto. Vice-presidente, Eduardo Moser. 1.º secretario, Felix Fernandes Torres. 2.º secretario, João Antonio de Miranda Gonçalves. Membros do conselho fiscal, Francisco de Oliveira Chamiço, Thomaz G. Sandman, João Leite de Faria, e Antonio de Sousa Barbosa. Gerentes, Cornelio Steur, Carlos Francisco Monteiro, e João Gomes de Oliveira e Silva.

O novo banco de Lisboa ainda não está constituído, mas diz-se que passa de 700 contos a importancia das subscrisções.

Em diversos numeros do *Jornal do Commercio* desta cidade, acaba o Sr. Alexandre Magno de Castilho de responder triunfante ás obstinadas e acintosas acusações que um anonimo correspondente do mesmo jornal, no Rio de Janeiro, fez ultimamente ao consul de Portugal nessa corte, o Exm. barão de Moreira.

O Sr. Castilho provou n'uma serie de artigos com documentos á vista, serem destinados de fundamento, os ataques dirigidos a um funcionario probo e intelligente, e que por isso acaba de merecer a honrosa distinção do seu governo, que despesa como deve arquinhões gratuitas de meia duzia de inimigos sem merito e sem importancia.

Foi publicado no *Diario do Governo* o relatorio dos mappas, enviados pelo consul general de Portugal no Rio de Janeiro, do movimento commercial de importação e exportação de todos os portos de Portugal e suas possessões com essa praça no decurso do anno de 1854; dos quais resulta que o commercio de importação foi feito por 156 navios com diversas bandeiras, e montou a 6:775:653:6770 réis, levando a maior sobre o anno anterior a vantagem de 2:505:323:240, e o de exportação a 1:055:892:140 réis mais 315:357:510 réis do que a do anno antecedente, e feito por 43 navios.

Os referidos mappas, trabalho de uma nitidez e perfeição sem igual, estão patentes na repartição competente do ministerio das obras publicas, commercio e industria, a todas as pessoas que os pretendão consultar.

A grande quantidade de cereais importados ultimamente em Inglaterra dos Estados Unidos, fez com que os preços d'aquelle gênero tivesse alguma baixa nosso mercado. Infelizmente porém, os estragos causados a lavoura pelas grande chuvas e cheias que tem sobrevindo, hão de necessariamente aumentar a carestia das substancias.

Foi publicado na folha oficial a ratificação do tratado de amizade, commercio e navegação, entre Portugal e a Confederação argentina.

No dia 26 do mez passado desde pela manhã até á noite reinou um vendaval como ha bastante tempo Lisboa não presencia. O vento soprou furioso, choveu copiosamente, e trovou constantemente; ás nove horas da manhã caiu uma faixa electrica n'um navio sueco, fundeado no quadro da alfandega, fôrpedoando-lhe um mastro e deixando bastante maltratado o capitão e um marinheiro. Pela uma hora caiu outra faixa proximo ao arsenal do exercito, porém sem causar danno algum.

O inverno tem sido bastante rigoroso. Depois de um frio intencissimo, as chuvas não nos tem deixado a perto de dois meses.

As grandes chuvas destes ultimos dias tem causado inumeros desastres.

No Rio Tejo vai uma cheia espantosa: Vallada está quasi submersa. Forão para ali mandados pelo governo, no dia 5 o vapor de guerra Conde de Tojal, escalerões do arsenal, com officiaes da armada, conduzindo a bordo mantimentos e lenha, para acudir aos habitantes daquella desgraçada povoação, que quasi todos os invernos é vítima destes desastres.

Aqui, em Lisboa, tem desabado varias paredes e muros, e alguns predios já bastante arruinados. Infelizmente parece que continuará este tempo rigoroso, porque os barómetros estão tão baixos, como raras vezes se tem visto em Lisboa.

No Porto desabrarão em cima do muro, junto ao rio, tres moradas de casas que se achavão arruinadas, e cahirão alguns columnos de diversas fabricas.

A cheia no Douro era grande, porém fe-

# O LIBERAL PERNAMBUCANO.

JORNAL POLITICO E SOCIAL.

O Liberal Pernambucano publica-se diariamente, e subscreve-se na typographia da rua do Collegio N. 14 a 35000 por tres meses pagos adiantados; os annuncios para os Srs. assinantes são pagos a 20 réis por linha; correspondencias e outra qualquer publicação pagar-se-ha o que se convencionar: os interessados se deverão entender com o Editor na mesma typographia. A Redacção é distinta da Administração.

Anno V.

Quarta feira 6 de Fevereiro de 1856.

Número 997.

## O LIBERAL PERNAMBUCANO.

BECIFE 5 DE FEVEREIRO.

Chegou hoje procedente dos portos do sul o vapor *S. Salvador*, e trouxe-nos jornaes da corte com data de 25 do mes passado; da Bahia com data de 2 do corrente; de Maceió até esta hora (9 da noite) não recebemos do correio a nossa correspondencia.

Da ligeira leitura que fizemos dos jornaes recebidos, nada podemos encontrar de notável; sendo que a epidemia nas duas primeiras províncias, posto que em considerável crescimento, ia ainda fazendo algumas victimas.

A hora já adiantada não deu lugar a publicação da nossa correspondencia da Bahia; o que faremos no seguinte numero.

Consta-nos que esse vapor trouxe alguns estudantes de medicina da Bahia, que certamente vem habilitar ao governo da província, a estabelecer postos sanitarios em lugares, que ainda não foram invadidos da epidemia, todavia achão-sedes provisórios de recursos para que se não dê o que acontece em *S. Antão*, *Papacaca*, *S. Bento* etc.

Informão-nos que em *Santo Antão* o mal já vai declinando em consequencia da emigração que se tem dado, o que faz com que o numero dos accomettidos seja em menor escala. A mortalidade já se limitava de 16 a 20 pessoas por dia.

Os religiosos que d'aqui foram hão prestado serviços relevantíssimos, consolando, animando, curando, e enterrando os infelizes habitantes d'aquelle cidade.

O Carmelita Fr. Manoel de Santa Clara que hoje aqui chegou d'aquelle lugar, deixou os Srs. Drs. Brito e Ribeiro no engenho *Tapera*, com o destacamento que os acompanhára, do qual dizem ter desertado diversas praças.

Observamos a camara municipal desta cidade que lance suas vistas para as povoações da *Casa-forte*, *Varzea*, e outros arrebalde de sua jurisdição, e faça remover do centro desses povoados os matadouros que são verdadeiros fócos de infecção.

Pedimos a S. Exc. o Sr. presidente que lembre-se, que o hospital que se está montando na rua da Aurora fica contíguo ao collegio das orfãs, que contem um grande numero de pessoas reunidas, que correrão grande risco junto daquelle estabelecimento.

Terminarão as folias do Carnaval, que constou de diversos bandos de mascarados que percorrião as ruas desta cidade, sem que ocorresse algum facto lamentável.

## FOLHETIM.

HOFFMANN. (\*)

CONTOS NOCTURNOS.

O MORGADO.

Deixei-me arrastar em silencio; a maneira porque *Adelaide* fallava da baroneza parecia-me indigna, e estava revoltado com a idéa de uma intriga entre nós.

Quando entrei com *Adelaide*, *Serafina* encaminhou-se para mim dando um ligeiro grioto, adiantou-se alguns passos, e deteve-se de repente no meio da camara como que refletindo.

ousei apoderar-me de sua mão, e leva-la aos labios. A baroneza deixou-a descansar entre as minhas enquanto dizia:

### VARIÉDADE.

*Cartas de um habitante da terra, escriptas do Recife, a um habitante do planeta Mercúrio.*

IV.

*Muito estimavel amigo*, permitta-me que sem mais cumprimentos entre na exposição dos acontecimentos, cuja noticia tanto me recomenda. Como lhe eu disse nas anteriores, a peste, o terrível *cholera*, vai-se cada vez mais avisinhando da capital, fazendo estragos que tem amedrontado a todo o mundo. Na cidade da Victoria tem havido horrores, de maneira que a ordem publica perdeu-se, as autoridades não tiverão a força precisa para manter o povo, os corpos dos mortos, que tem sido em grande numero, jazem pelas ruas ao abandono e servem de pasto aos cães e ás aves de rapina! Parece que uma maldição da Providencia pesa sobre essa desdita cidade, que penso ficará arrasada. Pode-se dizer que ella repelle todos os socorros que lhe mandão, porque apenas o sacerdote de Christo, o medico, põe o pé nessa terra, para logo é forçado, é constrangido à voltar para não ser victimá; tam intensa é a ação da peste; e aqui chegam extenuados e para não sahírem tam cedo do leito.

Meu amigo, pondo de parte a ação da Providencia que em minha humilde opinião é sempre quem preside ás esas grandes acontecimentos, em os quais ostenta em todo o esplendor a sua infinita justiça e a sua infinita Misericordia, forçoso é confessar que ao presidente desta província cabe uma grande responsabilidade. Persuadir-se-ha o Sr. José Bento que lhe temos odio e que com essas cores vemos todos os seus actos; não; nós temos compaixão do Sr. presidente, por o vermos em dificuldades que elle não tem podido superar. E se ha tempo em que nos devemos mutuamente tratar com benignidade é este, em que qualquer de nós está talvez proximo á despedir-se deste mundo e á dar restritas contas á Deos pelo mal que por cá fizemos. Mas, pondo de parte todo o ressentimento em instantes tam solemnies, não é possível tirar ao Sr. José Bento a responsabilidade que lhe cabe.

A muito tempo que a oposição brada pedindo ao Sr. presidente providencias preventivas; mas o Sr. José Bento se ha conservado surdo ás palavras da oposição, e só quando a epidemia se manifesta dentro da província é que elle vai dando algumas providencias; ultimamente cumpre confessar que tem mostrado alguma energia, mas é já um pouco tarde.

Que custava ao Sr. presidente, apenas soube que a epidemia caminhava do sul para o norte e ameaçava de invadir a província, que lhe custava estabelecer nas comarcas e vilas limitrophes hospitaes, boticas, medicos e

Mas, meu Deos! é acaso vosso officio medir-vos com os lobos? Não sabeis que o tempo fabuloso d'*Orphéo* e d'*Amphion* se passou, ha muito, e que os animaes ferozes absolutamente hão perdido todo o respeito aos habeis cantores?

A amenidade dessas expressões, que não deixavão duvida sobre a natureza do interesse que me tinha a baroneza, fez-me tomar imediatamente um tom e maneiras convenientes. Não sei porque me não entreguei ao piano, como costumava, e sentei-me no canapé ao lado della.

Como vos achastes exposto assim? perguntou-me. E seguiu-se que em vez de divertir-nos com a musica, só cuidamos em conversar. Narrei-lhe pois meu encontro no bosque; e insisti no interesse que me testemunhára o barão, dando a entender que o não julgára capaz de iguais sentimentos.

Oh! disse a baroneza com voz branda e quasi queixosa, o barão deve parecer-vos de carácter rude e altivo; mas crede-me, é mister atribuir isso unicamente a tristeza desta morada, e a essas caçadas selvagens

enfermeiros, de modo que quando a enfermidade quizesse invadir-nos encontrasse logo a mais decidida oposição? O Sr. presidente nada fez, e todavia algumas dezenas de contos de réis que nisso despendesse serião amplamente indemnizadas pelos bons resultados que necessariamente se deverão colher.

Acresce á isso, que o Sr. presidente autorisou a incerteza da medicina á que se deveria recorrer, não attendendo á que por mais confiança que tenha o povo nos recursos da homeopathia, não se achão estes autorizados pelas academias e pelos corpos científicos do paiz. O que resultou d'ahi? Tem resultado uma verdadeira anarchia, e dessa anarchia foi victimá evidente a desventurada cidade da Victoria. Em quanto a epidemia se não mostrára encarniçada, as dozes homeopáticas applicadas por qualquer curioso armado de sua carteirinha fôrão produzindo o seu efeito; mas depois que a epidemia se foi tornando intensa e mortifera, foi-se conhecendo a impotencia das tais carteiras e dos tais curiosos. Entretanto, os curiosos e charlatães havião abusado da credulidade do povo e os medicos enviados pelo governo fôrão apedrejados pela população e expulsos da Victoria! Figueira-se-me a historia horrivel de *Sodoma* e *Gomorra*, onde fôrão apedrejados os dous anjos que Deos enviára a *Loth* para salva-lo da destruição daquellas cidades.

A unidade da medicina e o seu auxilio uniforme é sobre tudo necessário nas grandes crises epidémicas. Obrou por tanto indiscutavelmente o Sr. presidente, autorizando, como é corrente, o emprego de carteiras e por curiosos que nada entendem de medicina e que se aproveitão muitas vezes das comissões desta ordem para fazerem sua fortuna.

Não duvido, que a homeopathia se baseie em principios científicos; mas, meu amigo, se ella é mais especulativa do que a medicina oficial, como pretendem os seus apologistas, ella demanda talentos mais experimentados e mais raciocinadores do que a medicina oficial. Reduzir a homeopathia á um empirismo estupido, é contrariar o pensamento e doutrina de *Hanemann*.

Acresce á isto que os medicamentos homeopáticos são destituídos de toda a verificação prática. Um especulador, armado de uma porção de globulos da mesma natureza e dando só o mesmo medicamento, pode distribui-los por milhares de vidros com milhares de rotulos, e eis oaconito convertido em *belladonna*, *nux vomica*, *pulsatilla*, etc etc. E qual é o meio de verificar a identidade desses medicamentos? Nenhum, meu amigo. E todavia é uma tal medicina, por demais empirica e sem garantia alguma á respecto dos medicamentos, que o governo da província autorisa! O que sahíra d'ahi se não a confusão, a desordem, o chão? E qual o resultado de tudo isso senão os horrores de que tem sido victimá a desdita cidade da Victoria? Deos permitta, que a po-

nos nossos bosques de pinheiros desolados. A casa que habita, e a vida que passa alterão-lhe completamente o humor; se é sombrio e pouco comunicativo, é porque está preocupado com a apprehensão de alguma cousa de sinistro q' deve acontecer nestes lugares; é por isso que esta aventura, que por felicidade não terá consequencia alguma funesta, o tem profundamente impressionado. Elle teme ver o mais humilde de seus criados ameaçado do menor acidente, e com mais forte razão um amigo caro, e recentemente adquirido; estou certo que *Gottlieb* ao qual

censura por nos haver deixado em perigo, se não for punido com prisão, sofrerá o castigo vergonhoso, que se inflige aos caçadores, de ir a caça sem fuzil e com um cacete na mão. Ora, como caçadas semelhantes serião sem perigo? como não ficaria assustada vendo o barão, que previa sempre desgraças, afrontar todavia com o coração alegre o demônio fatal que lançou-lhe não sei que nuvem sobre a vida? Contão-se muitas cousas estranhas do antepassado que instituiu este morgado, e estou certo que ha aqui encerrado nestas pa-

pulação em outros lugares se compenetre de seus verdadeiros interesses e que se socorra aos meios curativos que merecem a confiança da sciencia, e que podem ser devidamente falsificados.

A fome, meu amigo, continua na mesma escala; mas parece-me que o Sr. José Bento, não se deixando ofuscar pelas abstrações economicas, vai fazendo alguma cousa no sentido de evitar os horrores desse outro flagello. Deus permita que seja melhor sucedido.

O Sr. presidente acaba de nomear comissões de beneficencia para cada uma das freguezias da capital; mas, sem querer tirar a força moral ao acto de S. Ex., me parece que a respeito de *alguns*, o Sr. presidente se deixou levar mais pelos nomes proprios do que pela utilidade que elles poderão prestar. Os homens que se tem ocupado desta materia aconselhão que a nomeação de tais comissões deve recarregar sobre os cidadãos, não só mais respeitados, se não como os mais queridos das freguezias.

Forão nomeados, por exemplo, pura a comissão central o Exm. e Rvn. bispo Diocesano, o Exm. Monsenhor Muniz Tavares, o Exm. senador barão de Boa-vista, o Exm. barão de Capibaribe e o Sr. commendador Luiz Gomes Ferreira. O Exm. e Rvn. bispo Diocesano, apesar de seu excelente coração, está muito adiantado em idade e sofre molestias que lhe impedem a actividade necessaria. Entretanto não reparo a sua nomeação, uma vez que seja coadjuvado pelos outros membros. O Exm. Monsenhor Muniz Tavares mora fóra da cidade, não pôde fazer nella efectiva residencia, vive retirado e por isso, apesar de suas boas qualidades, me parece pouco apto para o bom desempenho das funções dessa comissão. O Exm. Sr. barão de Boa-vista é um tanto antipathico á população pelos acontecimentos politicos que se tem dado nesta província. O Sr. Luiz Gomes Ferreira passa geralmente por homem egoista, amigo da usura, cheio de sua riqueza e antipathico á população. Creio, pois, que a comissão central poderia ser melhor escolhida e recarregar sobre pessoas mais amigas do povo e menos comprometidas para com elle. O commercio, que alias muitos serviços poderia prestar, não foi convenientemente representado na dita comissão. Mas, emsí, não despreemos; vejamos como obrão os membros das comissões e os avaliemos pelos seus actos.

Deve saber que tivemos o nosso carnaval. O entrudo foi sempre uma época de loucuras, que precede ao tempo da penitencia; é uma folgaça da carne ao entrar ua vida de abstinença que lhe deve durar quarenta dias. Felizmente de certo tempo para cá o pessimo costume das limas, das aguas lamas, e de outras selvagerias do mesmo jaez, foi substituído pelas mascaradas, que oferecem á população um divertimento mais polido, mais agradável e mais variado. Este anno ressentio-se o carnaval do estado de im-

redes um segredo sinistro de familia, que como um espetro implacável, persegue o proprietario deste patrimonio, e só lhe permite raras vezes e igualmente em pouco tempo vir animar a solidão. Porém eu! como não devo achar-me no meio do tumulto que então reina? como evitar a fatalidade que pesa sobre estas paredes? Sois vós, meu caro amigo, quem primeiro tem dissipado por vossos talentos a tristeza que me opprime! Poderei eu bem cordialmente agradecer-vos?

Beijei a mão que me estendia.

— Eu mesmo tambem, lhe disse eu, desde o primeiro dia, ou antes da primeira noite, experimentei a fatalidade desta morada e um horror profundo se apoderou de mim. Talvez deva atribuir meus sustos ao aspecto lugubre do castello, aos estranhos ornatos da sala de audiencia, aos sibilos da briza.... que sei eu?

A essas palavras a baroneza encarou para mim. O som de minha voz, minhas expressões fizerão-lhe supor, que eu dissimulava uma parte do que me acontecera.

(Continuar-se-ha.)

(\*) Vide o Liberal n. 996.

profissão desagradável sob a qual está a população; mas nem por isso deixáram de haver folganças e divertimentos. As tais cavalhadas de que lhe falei em a minha passada, são parte obrigada das mascaratas; é talvez a única ocasião em que elas não são fóra de villa e termo; porque, numa vez que se trata de uma despedida da matéria para entrar em práticas espirituais, esse movimento estrepitoso lhe convém às mil maravilhas.

Tenho-lhe falado do desenvolvimento material que se notou em minha terrinha nesses sete anos que acabão de passar; e disse-lhe que parece ter ella chegado à seu derradeiro desenvolvimento. Cumpre-me dar-lhe disso uma prova evidente.

Parce que a dou referindo-me á dous esplendidos protestos do espírito contra o movimento material, que se derão o anno passado. Foi um a obra do Sr. Dr. Baptista, lente da cadeira de prática na Faculdade de Direito; esse livro, que abriu uma nova era á sciencia do Direito; em nada se assemelha a essas rapsodias, a essas copias servis de arrestos e de práticas mais ou menos carunchosas; não; é uma obra philosophica onde o processo é estudo segundo as suas leis e de acordo com os trabalhos da sciencia nos paizes mais civilizados. A outra obra é o livro do Sr. general Abreu e Lima, onde a moral, a política, e a historia são tratadas com um poder de intelligencia que maravilha. Acerca dessas duas obras já se lêrão no *Liberal* juízos que não forão contestados.

Este movimento ainda não parou, e este anno já foi saudado por suas obras importantes. Uma é o *Repetório Jurídico* do Sr. Dr. Manoel Caetano Soares Carneiro Monteiro, e outra é um opusculo do Sr. Dr. J. M. da Trindade intitulada — *Collecção de Aportamentos jurídicos sobre as procurações extrações extra-judiciais* —. A primeira obra é uma recapitulação dos pontos mais importantes do nosso direito, tratados em forma de diccionario, e com a concisão e clareza que constituem o mérito de obras desta natureza.

Eu lho recomendo, porque na verdade é um trabalho muito útil. Na época de reformas pacíficas e reflectidas em que nos achamos, não se padia desejar um trabalho mais próprio a estabelecer a transição. A necessidade de um código civil brasileiro é geralmente reconhecida, e um repertório que ponha debaixo dos olhos do legislador o que de mais essencial existe em cada ponto do Direito é de uma utilidade incontestável. A segunda obra é um trabalho conscientioso, em que o seu autor, expondo com ordem e clareza os princípios áurea do *mandato*, determina o estado de nossa legislacão neste ponto tão importante do Direito Civil. Em minha opinião, o opusculo do Sr. Dr. Trindade é por si suficiente para lhe constituir uma reputação jurídica. As notas com que o distinto escriptor ilustrou a sua obra e que demonstram uma erudição pouco comum e conscientiosa, lhe fazem honra.

Eu lhe recomendo esta obrinha como uma amostra de um talento pernambucano nascente, e q' promette um brilhante futuro. É provável que appareça dentro em pouco uma noticia bibliographica desta obra que recomende ao público o seu autor. Eu faço votos para que o distinto manecbo não esfrie na carreira que tão brilhantemente encetou; veja, se pôde fazer outros tratados especiais acerca de outros pontos do nosso Direito. Se concluir o seu trabalho com a mesma perfeição com que acabou este de que lhe fallo, terá dentro em pouco uma obra importante e profunda, e se achará em circunstâncias de collocar-se no cume da sciencia para tratar de uma maneira synthética e systêmatica.

Mas permitta que ponha termo aqui á minha carta que já vai um pouco longa; d'ahi á oito dias dar-lhe-hei novas de mim e deste malfadado cantinho.

Seu amigo certo

O habitante da terra.

## PHILOSOPHIA.

Estudos religiosos, morais e políticos sobre a

### VONTADE.

III.

#### VONTADE DE DEUS.

S. I.

Deus perante a razão philosophica.

Oriente.

A ideia é um phänomeno de consciencia, é

um facto psychologico. Inventariando esses factos encontramos entre elles a *ideia de Deus*. Até ahi chega a Psychologia. Esta *ideia* se nos apresenta como correspondendo á um modo de existir do *eu*? Não; também a *consciencia* nos fornece esse testemunho; daí por diante a Psychologia é impotente. Ela se limita á garantir-nos que temos a *ideia de Deus*, que essa *ideia* não tem no *eu* o seu tipo, e que a entidade que lhe corresponde é causa distinta do *eu*. Mas existe realmente uma entidade externa correspondente á essa *ideia*? No caso de existir, podemos conhecer esse ente externo em sua essencia e em seus atributos? Eis o que é já do domínio da *ontologia*.

A existencia ontologica, afirmamo-la nós por um pendor irresistível, pela *fé*. Essa *fé* é uma propriedade do *eu* e pertence aos phänomenos da consciencia. A afirmação dos objectos phisicos pelos sentidos, do *eu* pela consciencia, de Deus pela razão, descansa absolutamente na *fé*. Suprime-se a *fé*, suprime-se esse pendor irresistível para afirmar como existentes os objectos de nossas ideias, e não ha mais certeza possível.

Se ha uma *ideia de Deus*, ha fóra de nós uma entidade divina; se ha uma relação entre o *eu* e a entidade divina, ha no *eu* um instrumento de comunicação entre as duas substâncias distintas. Esse instrumento, os philosophos o denominão — *razão* —. O que é essa *razão*? *E pessoal*, *é impersonal*, *é pessoal e impersonal* ao mesmo tempo? A pura *impersonalidade* da razão não explicaria a possibilidade do conhecimento no homem; a *personalidade* e *impersonalidade* dão quando muito uma hypothese envolvendo talvez contradição; um princípio de evidente *pantheismo*; a *personalidade* completa da razão com um destino á descortinar a entidade divina em sua relação com o *eu*, será talvez o partido mais seguro.

Desde que para o conhecimento de Deus é mister na *razão* a *impersonalidade*, esta deve ser também necessaria na *percepção extrema* para o conhecimento da materia. O *eu* deveria ser um tanto *material* e um tanto *divino*, o que daria em ultimo resultado a confusão absoluta de todas as substâncias em uma só, isto é o *pantheismo* com todas as suas consequencias.

Se o *eu* é uma substância distinta, tudo quanto é necessário á sua existencia ontologica ser-lhe-ha próprio e especial. A sua comunicação com as outras substâncias se não pode explicar por propriedades communs; porque a abstracção dessas qualidades communs daria uma *ideia geral*, correspondente á uma substância universal. Essa substância sendo o ponto culminante da sciencia, sendo o repouso final da intelligencia, aniquilaria a vida individual, destruiria a liberdade no homem, levaria de roxo todo o mundo moral.

O que resulta d'ahi? Resulta que o homem é limitado em sua intelligencia; resulta que, quando esta se atira á hypothese para transpor os seus limites e dar a razão de todas as causas, ergue-se ao pinaculo do orgulho e é destronizada e lançada ao inferno da dúvida. E sempre a historia bíblica de Satanaz eternamente panido em sua soberba intellectual. O orgulho da *razão alemã* é o maior esforço da intelligencia humana para atacar os misteriosos domínios do Todo Poderoso. Conservemo-nos pois nos limites da humanidade e cheguemos ao ponto em que a fô não pode ser abalada.

Temos fô que ha um mundo material, um mundo psychologico, um mundo divino. O *raciocínio* nos diz que ha meios de conhecimento para cada um desses tres mundos, e denominamos a um *percepção extrema*, á outro *consciencia* e á outro *razão*. Se queremos entrar na ontologia de cada um destes meios, sahimos do ponto de vista relativo e cis-nos lançados em abysmos insondáveis. Limitemo-nos, portanto, á verificar: 1.º que ha em nós a *ideia de Deus*; 2.º que essa *ideia* é acompanhada da *crença* de corresponder á uma substância externa distinta do *eu*; 3.º que o *eu* tem faculdade de conhecer de um modo relativo a essa entidade, e que nós chamamos a essa faculdade cognoscitiva *razão*.

A *razão*, a *fé*, e as faculdades da *intelligencia*, eis o arsenal com que podemos determinar em nós a noção da substância divina. O limite do desenvolvimento é assinalado no momento em que a *fé* e a *consciencia* se deslocam; chegados ahi, devemos recuar, e dizermos basta; porque se damos mais um passo, ai! de nós, que temos transportado o pôlo humano e seremos como Satanaz precipitados no espaço.

Com esses dados entremos no estudo dos esforços da intelligencia humana para co-

nhecer a substância correspondente á *ideia de Deus*.

Os primeiros fulgores da intelligencia humana se vão encontrar no Oriente. Por isso mui acertadamente se conjectura, que a Ásia foi berço da humanidade, o que coincide com outros dados da historia civil, política e religiosa dos povos. O Indostão, o Thibet, a China, a Persia, os Chaldeos, o Egypto, a Phenicia, são os povos que sobresalem no primeiro movimento philosophico do mundo.

Para os Indios Deus é um ser incompreensível; nenhuma concepção humana o pode comprehendêr. No principio descansava elle na contemplação de si mesmo, e depois, a sua palavra criadora fez sair de si todas as causas, por uma serie de emanações continuas. Deus se manifesta por uma *trindade* de ação: — como criador, *Brahma*; como conservador, *Vishnu*; como destruidor e renovador, das formas da materia, *Siva*. Esse sistema dá na identidade absoluta, no patriotismo.

Os de Thibet se aproximão das ideias do Indostão.

Na China Confucio e Mencio não oferecem noções claras acerca da divindade; a adoração do céo, dos astros e das forças naturaes personificadas, e envoltas em muitas ideias supersticiosas, constituia a religião popular.

Na Persia, Zoroastro admittiu um primeiro ser todo poderoso e infinito, de cujo seio saíram, em virtude da palavra criadora, dous principios das causas — *Ormuzd* e *Ahruan*; *Ormuzd*, a luz pura e sem fim, a sabedoria e a perfeição, o criador de todo o bem; *Ahruan*, princípio das trevas e do mal, oposto á *Ormuzd*, ou desde o princípio ou em consequencia da queda deste.

Entre os Chaldeos, a sciencia sagrada era a *astrologia*.

No Egypto, Isis e Osiris, representão a *ideia de dous principios* — um macho e outro femea. Tudo ahi era envolto em misterios e a sciencia era o monopólio dos padres.

A Phenicia era antes dada ás especulações commerciaes do que ás especulações scientificas. Veja-se á respeito da *philosophia do Oriente* o *Manual de Tenneman* e a *historia philosophica de Fegerando*.

Estas simples noções bastão para demonstrar, que os primeiros esforços da razão para conhecimento de Deus se ressentem da fraqueza humana. Como se poderia por uma analyse bem deduzida determinar a compreensão dessa ideia, e distinguir os actos que dimanam de cada uma das noções nella contidas? Não é pois de admirar que nessas epochas de obscuridade a *vontade de Deus*, não fosse assas conhecida e que vacilassem as ideias eternas do *justo e do bem*.

F.

## TRANSCRIÇÃO.

O diabo na corte.

Segunda ascensão.

— Ouve-me, disse Arael, até as proprias pedras se encontrão, e pela força do destino ha de ver um dia associado com um novo D. Cleophas, a cujo serviço se acha o celebre Asmodeu, que, como sabes, é o superintendente das casas de jogo do inferno, e que por suas travessuras está condenado a viver eternamente engarrado, como vivem eternamente nas pastas dos ministros os requerimentos dos pobres pretendentes que vem á corte sem padrinhos nem protectores.

— Aliança com Asmodeu!

— E por que não? Não foi elle um dos mais activos obreiros do templo de Salomão? Queres saber como veio á nossas praias o cujo superintendente? Escuta.... O veílo D. Cleophas, desejando saber, porque a fama vòa, como se extrahe no Rio de Janeiro numa loteria, embarcou-se no Leviathan, e abicou ás nossas praias.... A vista dellas torceu o nariz, e tratou de conchegar a elle o seu lençol bordado, trespassando o penetrante cheiro da hidrosmia: infelizmente forão tão abundantes os miasmas que respirou nas praias, e foi continuadamente absorvendo pelas nossas ruas, graças á celebre limpeza publica e junta de hygiene, que a saude do infeliz viajante ficou deteriorada; e atacado depois da cholera, morreu: porém antes de falecer fez o seu testamento *aberto* e em publicas notas, no qual deixou o seu escravo Asmodeu a um herdeiro, que lhe tomou o nome, e continua a observar as cambalhotas

pelos nossos mares. O herdeiro, que é o D. Cleophas, é o que lhe tocou o nome, e continua a observar as cambalhotas pelas nossas ruas, graças á celebre limpeza publica e junta de hygiene, que a saude do infeliz viajante ficou deteriorada; e atacado depois da cholera, morreu: porém antes de falecer fez o seu testamento *aberto* e em publicas notas, no qual deixou o seu escravo Asmodeu a um herdeiro, que lhe tomou o nome, e continua a observar as cambalhotas pelas nossas ruas, graças á celebre limpeza publica e junta de hygiene, que a saude do infeliz viajante ficou deteriorada; e atacado depois da cholera, morreu: porém antes de falecer fez o seu testamento *aberto* e em publicas notas, no qual deixou o seu escravo Asmodeu a um herdeiro, que lhe tomou o nome, e continua a observar as cambalhotas pelas nossas ruas, graças á celebre limpeza publica e junta de hygiene, que a saude do infeliz viajante ficou deteriorada; e atacado depois da cholera, morreu: porém antes de falecer fez o seu testamento *aberto* e em publicas notas, no qual deixou o seu escravo Asmodeu a um herdeiro, que lhe tomou o nome, e continua a observar as cambalhotas pelas nossas ruas, graças á celebre limpeza publica e junta de hygiene, que a saude do infeliz viajante ficou deteriorada; e atacado depois da cholera, morreu: porém antes de falecer fez o seu testamento *aberto* e em publicas notas, no qual deixou o seu escravo Asmodeu a um herdeiro, que lhe tomou o nome, e continua a observar as cambalhotas pelas nossas ruas, graças á celebre limpeza publica e junta de hygiene, que a saude do infeliz viajante ficou deteriorada; e atacado depois da cholera, morreu: porém antes de falecer fez o seu testamento *aberto* e em publicas notas, no qual deixou o seu escravo Asmodeu a um herdeiro, que lhe tomou o nome, e continua a observar as cambalhotas pelas nossas ruas, graças á celebre limpeza publica e junta de hygiene, que a saude do infeliz viajante ficou deteriorada; e atacado depois da cholera, morreu: porém antes de falecer fez o seu testamento *aberto* e em publicas notas, no qual deixou o seu escravo Asmodeu a um herdeiro, que lhe tomou o nome, e continua a observar as cambalhotas pelas nossas ruas, graças á celebre limpeza publica e junta de hygiene, que a saude do infeliz viajante ficou deteriorada; e atacado depois da cholera, morreu: porém antes de falecer fez o seu testamento *aberto* e em publicas notas, no qual deixou o seu escravo Asmodeu a um herdeiro, que lhe tomou o nome, e continua a observar as cambalhotas pelas nossas ruas, graças á celebre limpeza publica e junta de hygiene, que a saude do infeliz viajante ficou deteriorada; e atacado depois da cholera, morreu: porém antes de falecer fez o seu testamento *aberto* e em publicas notas, no qual deixou o seu escravo Asmodeu a um herdeiro, que lhe tomou o nome, e continua a observar as cambalhotas pelas nossas ruas, graças á celebre limpeza publica e junta de hygiene, que a saude do infeliz viajante ficou deteriorada; e atacado depois da cholera, morreu: porém antes de falecer fez o seu testamento *aberto* e em publicas notas, no qual deixou o seu escravo Asmodeu a um herdeiro, que lhe tomou o nome, e continua a observar as cambalhotas pelas nossas ruas, graças á celebre limpeza publica e junta de hygiene, que a saude do infeliz viajante ficou deteriorada; e atacado depois da cholera, morreu: porém antes de falecer fez o seu testamento *aberto* e em publicas notas, no qual deixou o seu escravo Asmodeu a um herdeiro, que lhe tomou o nome, e continua a observar as cambalhotas pelas nossas ruas, graças á celebre limpeza publica e junta de hygiene, que a saude do infeliz viajante ficou deteriorada; e atacado depois da cholera, morreu: porém antes de falecer fez o seu testamento *aberto* e em publicas notas, no qual deixou o seu escravo Asmodeu a um herdeiro, que lhe tomou o nome, e continua a observar as cambalhotas pelas nossas ruas, graças á celebre limpeza publica e junta de hygiene, que a saude do infeliz viajante ficou deteriorada; e atacado depois da cholera, morreu: porém antes de falecer fez o seu testamento *aberto* e em publicas notas, no qual deixou o seu escravo Asmodeu a um herdeiro, que lhe tomou o nome, e continua a observar as cambalhotas pelas nossas ruas, graças á celebre limpeza publica e junta de hygiene, que a saude do infeliz viajante ficou deteriorada; e atacado depois da cholera, morreu: porém antes de falecer fez o seu testamento *aberto* e em publicas notas, no qual deixou o seu escravo Asmodeu a um herdeiro, que lhe tomou o nome, e continua a observar as cambalhotas pelas nossas ruas, graças á celebre limpeza publica e junta de hygiene, que a saude do infeliz viajante ficou deteriorada; e atacado depois da cholera, morreu: porém antes de falecer fez o seu testamento *aberto* e em publicas notas, no qual deixou o seu escravo Asmodeu a um herdeiro, que lhe tomou o nome, e continua a observar as cambalhotas pelas nossas ruas, graças á celebre limpeza publica e junta de hygiene, que a saude do infeliz viajante ficou deteriorada; e atacado depois da cholera, morreu: porém antes de falecer fez o seu testamento *aberto* e em publicas notas, no qual deixou o seu escravo Asmodeu a um herdeiro, que lhe tomou o nome, e continua a observar as cambalhotas pelas nossas ruas, graças á celebre limpeza publica e junta de hygiene, que a saude do infeliz viajante ficou deteriorada; e atacado depois da cholera, morreu: porém antes de falecer fez o seu testamento *aberto* e em publicas notas, no qual deixou o seu escravo Asmodeu a um herdeiro, que lhe tomou o nome, e continua a observar as cambalhotas pelas nossas ruas, graças á celebre limpeza publica e junta de hygiene, que a saude do infeliz viajante ficou deteriorada; e atacado depois da cholera, morreu: porém antes de falecer fez o seu testamento *aberto* e em publicas notas, no qual deixou o seu escravo Asmodeu a um herdeiro, que lhe tomou o nome, e continua a observar as cambalhotas pelas nossas ruas, graças á celebre limpeza publica e junta de hygiene, que a saude do infeliz viajante ficou deteriorada; e atacado depois da cholera, morreu: porém antes de falecer fez o seu testamento *aberto* e em publicas notas, no qual deixou o seu escravo Asmodeu a um herdeiro, que lhe tomou o nome, e continua a observar as cambalhotas pelas nossas ruas, graças á celebre limpeza publica e junta de hygiene, que a saude do infeliz viajante ficou deteriorada; e atacado depois da cholera, morreu: porém antes de falecer fez o seu testamento *aberto* e em publicas notas, no qual deixou o seu escravo Asmodeu a um herdeiro, que lhe tomou o nome, e continua a observar as cambalhotas pelas nossas ruas, graças á celebre limpeza publica e junta de hygiene, que a saude do infeliz viajante ficou deteriorada; e atacado depois da cholera, morreu: porém antes de falecer fez o seu testamento *aberto* e em publicas notas, no qual deixou o seu escravo Asmodeu a um herdeiro, que lhe tomou o nome, e continua a observar as cambalhotas pelas nossas ruas, graças á celebre limpeza publica e junta de hygiene, que a saude do infeliz viajante ficou deteriorada; e atacado depois da cholera, morreu: porém antes de falecer fez o seu testamento *aberto* e em publicas notas, no qual deix